PLACAR
Abril
NEGÓCIOS
AO COMPRAR O CRUZEIRO, RONALDO INAUGURA UMA NOVA ERA PARA OS CLUBES BRASILEIROS. PARA DAR CERTO SÃO OUTROS QUINHENTOS...
PERFIL
O FRANCÊS QUE FINGIU SER CRAQUE E QUASE JOGOU A CHAMPIONS LEAGUE - MAS ERA TUDO INVENÇÃO DE UM SONHADOR
MEMÓRIA
A TURBULENTA PASSAGEM DE ELZA SOARES E GARRINCHA PELA ITÁLIA NO INÍCIO DOS ANOS 1970
PRAZER, ENDRICK!
AOS 15 ANOS, O CAMISA 9 DO PALMEIRAS SURGIU PARA O MUNDO DA BOLA AO VENCER A COPINHA, COM DIREITO AOS TROFÉUS DE GOL MAIS BONITO E DE MELHOR JOGADOR DO TORNEIO. ATÉ ONDE ELE VAI?

O supercampeão sérvio deixa a Austrália pela porta do fundo: "Novax Djocovid"

Renan Lodi, do Atlético de Madri: fora da seleção porque não tinha tomado a segunda dose da vacina

# O GOLAÇO DE TITE

O mundo do futebol parece alheio ao que acontece na sociedade, fora dos gramados, como se fosse de outra galáxia. É louvável, portanto, o gesto da CBF e de Tite ao deixar de fora da primeira convocação da seleção em ano de Copa o lateral-esquerdo Renan Lodi, do Atlético de Madri. O motivo: ele tinha tomado uma única dose da vacina contra a Covid-19 até meados de janeiro, na contramão do bom senso. "O que posso antecipar é que o Renan Lodi não pôde ser convocado pela não vacinação, ele teve alijada essa possibilidade, perdeu a oportunidade de concorrer", disse o treinador, em seu estilo rococó. "Eu particularmente entendo que a vacinação é uma responsabilidade social, minha e de outras pessoas. Eu e minha família queríamos ter a oportunidade de poder proteger a todos, nossos netos. Segundo, há um aspecto de respeitar as autoridades sanitárias." Foi um golaço.

Não pode mesmo haver espaço para posturas arriscadas e no mínimo mal-educadas, como a de Renan Lodi, ou negacionistas, como a do supercampeão de tênis Novak Djokovic. Ele desembarcou em Melbourne, para o Aberto da Austrália, na primeira semana de janeiro. Levava uma exceção médica aprovada pelo torneio. A imigração local resistiu. Deu-se um enorme conflito diplomático. Djoko ficou em um hotel para imigrantes ilegais, obteve recurso, chegou a treinar, mas foi vencido pela decisão final da Corte. Para piorar, "Novax Djocovid" (os apelidos foram inevitáveis) admitiu um erro no preenchimento do formulário de viagem e que desrespeitou o isolamento após testar positivo. Não há desculpa: foi um papelão completo diante de uma doença que matou mais de 5 milhões de pessoas no mundo.

***

A ilustração que abre a reportagem em torno da compra do Cruzeiro por Ronaldo, a partir da página 18, é do fluminense Marcos Vinicius Cabral, rubro-negro de coração. Autodidata — aprendeu a desenhar nas carteiras da escola, com versões do Batman e de lances de futebol —, trabalhou no *Jornal do Brasil*, no *Jornal dos Sports* e no *Lance*. Depois de entrar na faculdade de jornalismo, aos 40 anos (hoje tem 48), começou também a escrever.



**CAPA:** DANIEL MARUCCI; FOTO DE ALEXANDRE BATTIBUGLI

ANTONIO COTRIM/EPA/EFE

Mas sonhava ter um trabalho publicado em PLACAR. Era um modo de atender a seus próprios anseios, é claro, mas também para fazer feliz o pai, o motorista de táxi Aniceto José Camello. Infelizmente, Camello morreu em 18 de janeiro, de infarto, aos 69 anos, depois de esperar por mais de três horas no pronto-socorro de um hospital de São Gonçalo, próximo a Niterói. O pai soube do convite de PLACAR, vibrou, mas não viu o resultado final. "Ele ficaria orgulhoso", diz Marcos Vinicius. Nós também. ■

 revistaplacar

 @placar

 @RevistaPlacar

 placar.abril.com.br

 placar@abril.com.br

## ÍNDICE



### ESPECIAL



### PRORROGAÇÃO



MARCO GALVÃO/FPF

Endrick, 15 anos: um novo fenômeno ou sucesso precoce e arriscado?


**VICTOR CIVITA** (1907-1990) **ROBERTO CIVITA** (1936-2013)

**Publisher:** Fábio Carvalho

**Diretor de Redação:** Mauricio Lima

**PLACAR**

**Redator-chefe:** Fábio Altman
**Editor Assistente:** Luiz Felipe Castro
**Estagiária:** Maria Fernanda Sousa Lemos
**Checadoras:** Andressa Tobita, Luana Lourenço Alves Pinto **Editor de Arte:** Daniel Marucci
**Designers:** Ana Cristina Chimabuco, Luciana Rivera, Ricardo Horvat Leite **Infografistas:** Anderson Marçal Leandro, Wander Moreira Mendes
**Fotografia: Editor:** Alexandre Reche **Pesquisadoras:** Ana Paula Galisteu, Iara Silvia Brezeguello Rodrigues
**Produção Editorial: Supervisora de Editoração/ Revisão:** Shirley Souza Sodré **Secretárias de Produção:** Andrea Caitano, Patricia Villas Bôas Cueva, Vera Fedschenko **Revisoras:** Rosana Tanus, Valquíria Della Pozza **Supervisor de Preparação Digital:** Edval Moreira Vilas Boas
**Preparador Digital:** Luiz Henrique Silva de Azevedo

**Colaboraram nesta edição:** Alexandre Battibugli (fotografia); Sidnei Gil, Tatiana Leonardi, Thamyres Rezende, Tiago Guimarães e Wellington Budim (Dedoc); Kaio Figueredo da Silva (pesquisa de fotos); Gabriel Grossi (edição de texto); Gabriel Gama e Rodolfo Rodrigues (texto); Guilherme Azevedo, Klaus Richmond e Luca Castilho (reportagem)

**www.placar.com.br**

**DIRETORIA EXECUTIVA DE PUBLICIDADE** Jack Blanc **DIRETORIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO EDITORIAL E AUDIÊNCIA** Andrea Abelleira **DIRETORIA EXECUTIVA DE OPERAÇÕES** Lucas Caulliraux **DIRETORIA EXECUTIVA DE TECNOLOGIA** Guilherme Valente **DIRETORIA DE MONETIZAÇÃO E RELACIONAMENTO COM CLIENTES** Erik Carvalho

**Redação e Correspondência:** Rua Cerro Corá, 2175, lojas 101 a 105, 1º e 2º andares, Vila Romana, São Paulo, SP, CEP 05061-450

**PLACAR** 1484 (789 3614 11176 6), ano 52, é uma publicação mensal da Editora Abril. Edições anteriores: venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa (sujeito a disponibilidade de estoque). Solicite ao seu jornaleiro. Distribuída em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **PLACAR** não admite publicidade redacional.

Serviço ao assinante: Grande São Paulo: (11) 5087-2112
Demais localidades: 0800-7752112
www.abrilsac.com.br
Para assinar: Grande São Paulo: (11) 3347-2121
Demais localidades: 0800-7752828
www.assineabril.com.br

IMPRESSA NA ESDEVA INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.
Av. Brasil, 1405, Poço Rico, CEP 36020-110, Juiz de Fora, MG

www.grupoabril.com.br

## LEWANDOWSKI TUDO

Não dá para dizer, é claro, que vivemos a era Lewandowski, depois do domínio de Messi e Cristiano Ronaldo. Mas é coisa grande o bicampeonato de melhor do mundo atribuído pela Fifa ao polonês. Vencer duas vezes seguidas a taça só mesmo o argentino, o português e, já há algum tempo, Ronaldinho Gaúcho e Ronaldo Fenômeno. Lewa fez por merecer. Marcou 69 gols em 69 jogos por Bayern de Munique e Polônia na temporada 2020/2021. Além disso, foi campeão alemão e da Supercopa da Alemanha. Pelo terceiro ano seguido, o atacante foi o maior artilheiro da Europa. Salve!

HAROLD CUNNINGHAM/EPA/EFE

## O HERDEIRO DO MISTER

Ele chegou com pompa e à sombra de um outro português, Jorge Jesus, o mister que quebrou a banca em 2019. Não será fácil a missão de Paulo Sousa, o lusitano que dirigia a seleção da Polônia. "Estou muito contente, muito feliz", disse. "Desde Portugal já senti o carinho. Durante a viagem, após a viagem... Estou entusiasmado. Só não consegui completar o livro que ganhei." O volume em questão é *Hoje É Dia de Flamengo* *(veja na pág. 60)*, compilação dos feitos históricos do rubro-negro. Minucioso como poucos, da próxima vez é possível que Sousa gabarite tudo se perguntarem a ele sobre o Fla.

ALEXANDRE VIDAL/FLAMENGO/EFE

# O BAILE DO DEBUTANTE

Endrick tem 15 anos, mas a sequência de bons jogos que culminou na inédita conquista da Copinha pelo Palmeiras o levou ao centro das conversas sobre futebol. Agora vêm as dúvidas: ele explodirá também no time profissional? A que horas chega a proposta do exterior? Até onde pode ir o menino que fez a alegria do povo em janeiro, e não só a dos esmeraldinos?

**Klaus Richmond e Leandro Miranda**
**Fotos: Alexandre Battibugli**

O jovem camisa 9 na final da Copinha: em média, quase um gol por jogo na base do Verdão

Quando o ano começou, em meio ao espanto de nova explosão de casos de Covid-19, quase ninguém sabia que ele existia. Bastaram três semanas para que o Brasil (e o mundo, sim, o mundo) se encantasse com o futebol de Endrick. O camisa 9 do Palmeiras, garoto de apenas 15 anos, brilhou na Copa São Paulo de Futebol Júnior, a querida Copinha. Na estreia, marcou duas vezes na goleada de 6 a 1 sobre o Assu-RN. Imediatamente, estava na boca do povo.

Na decisão, como sempre disputada no aniversário da cidade, 25 de janeiro, Endrick Felipe Moreira de Sousa já era conhecido pelo nome e sobrenome. Nas redes sociais, tinha saltado de 80 000 seguidores, antes da primeira rodada, para 300 000 nas quartas de final e 480 000 no primeiro tempo da final, quando abriu o placar contra o Santos na vitória por 4 a 0. No fim mês, tinha superado a marca de 700 000 — e contando. O garoto fez seis gols no torneio, incluindo o que foi escolhido o mais bonito da competição (uma pintura de bicicleta, de fora da área, nos 5 a 2 sobre o Oeste, nas quartas), e acabou eleito o craque do torneio. Foi citado até na conta oficial da Fifa no Twitter, que costuma ser parcimoniosa.

A arrancada de Endrick, o baile do debutante, impressiona sob vários aspectos. Ele não é o jogador mais novo a participar do principal campeonato de jovens do país, mas nunca antes alguém com a idade dele tinha sido tão decisivo. Terminada a partida, disputada no Allianz Parque, ele correu para a torcida alviverde, que celebrava o fim da zoação dos adversários com a falta desse troféu na estante, e comemorou como um adolescente. Tirava selfies e postava stories, até mesmo nos celulares que os fãs atiravam ao gramado, para ter essa lembrança não só na memória, mas também no chip. Em seguida, foi cercado por jornalistas e surpreendeu com a tranquilidade e a maturidade com que respondeu às perguntas, ao vivo. E convém sempre lembrar: 15 anos, apenas 15 anos.

FOTOS ALEXANDRE BATTIBUGLI

Uma festa em três tempos: o craque da Copinha com o troféu,...

A força no arranque — para além da metáfora do craque exposto aos olhares com rara instantaneidade, do dia para a noite — é também literal. No atual elenco palmeirense, incluindo os profissionais, Endrick aparece em segundo lugar no ranking de veloci-

...esbanjando maturidade nas entrevistas ao fim da partida...

...e durante o jogo que deu o título inédito (e tão sonhado) ao Palmeiras

dade na corrida, com a espantosa marca de 36 quilômetros por hora. Fica atrás apenas de Gabriel Veron, que dispara a 37 quilômetros por hora, segundo os registros dos preparadores físicos do clube. Em campo, o que mais surpreendeu quem não o conhecia foi a forma como um adolescente de 1,73 metro conseguiu jogar de igual para igual com garotos mais altos, mais fortes e mais velhos — por causa da pandemia, não houve Copinha em 2020 e o limite de idade foi ampliado em um ano, para 21. Para os mais próximos, contudo, o menino atraiu atenção para os cuidados que são necessários às promessas da bola. O diamante precisava ser lapidado com zelo. Ele já tem um pequeno staff a sua volta: assessor de imprensa, nutrólogo e preparador físico particular. Só não tem (oficialmente) um agente porque as regras não permitem. Pela lei brasileira, esse tipo de vínculo profissional só é possível a partir do momento em que o atleta completa 16 anos. Enquanto isso, seus pais, Douglas e Cintia, são assessorados pela TFM Agency, a mesma empresa que gerencia a carreira de Vinícius Júnior, do Real Madrid, e Gabriel Martinelli, do Arsenal. Atualmente, Palmeiras e Endrick têm um “contrato de formação”, renovado recentemente com direito a consideráveis luvas (fato incomum para esse tipo de vínculo, segundo o advogado Rafael Botelho, que intermediou a negociação) e válido até 2025. Tudo indica que, ao fazer 16 anos (pode anotar na agenda: o aniversário é 21 de julho), ele fechará um novo acordo, já como profissional — e com uma cláusula rescisória superior a 100 milhões de reais.

ARQUIVO PESSOAL

Em 2016, teste no São Paulo: troca para o Palmeiras por ajuda de custo

Garoto na certidão de nascimento, garoto no sorriso, Endrick tem rotina muito parecida com a de um atleta de elite. Desde outubro, mudou drasticamente os hábitos alimentares. Cortou refrigerantes, sucos, fast-food, achocolatados e cereais. Com isso, reduziu o peso de 74,3 para 72,7 quilos e, mais importante, baixou o índice de gordura corpórea de 10% para 7,9%. Os pais enviam ao nutrólogo Eduardo Rauen fotos de quase todas as refeições, devidamente pesadas numa balança, para mostrar que não há relaxamento nem falha na dieta recomendada.

"O mais impressionante é a determinação", diz Rauen. "Ele chegou ao consultório perguntando: 'O que eu preciso fazer?'. Desde então, nunca ouvi uma queixa ou um relato de dificuldade." Além do açúcar e dos ultraprocessados, Endrick praticamente abandonou os alimentos industrializados e embutidos. Em paralelo, há acompanhamento de suplementação e reposição de nutrientes específicos. Tudo para seguir ganhando massa muscular, força e resistência. "Essa é a diferença entre jogar bola e se tornar um atleta de primeiro nível", resume Rauen.

Endrick chegou ao Palmeiras em 2016, depois de ser rejeitado por Corinthians e São Paulo. Ela já tinha despertado a atenção de olheiros quando, menino, vestia as cores do Brasília Futebol Academia, no Distrito Federal. Na época, antes da pandemia, eram comuns os convites para semanas de testes em clubes de todo o Brasil. Só não ficou no Timão nem no Tricolor porque a família não tinha condições de morar na capital paulista. O coordenador-geral da base palmeirense, João Paulo Sampaio, viu um vídeo com lances do garoto e ficou tão impressionado que decidiu oferecer um emprego de auxiliar de limpeza na Academia de Futebol a Douglas, o pai, para que todos pudessem se mudar de Brasília. "Um intermediário me passou o vídeo e falou: 'Ele vem pro Palmeiras se você arrumar um trabalho pro pai e uma ajuda de custo pro menino", lembra Sampaio. "Fechei sem nunca ter falado com ele, porque vi que era diferente. Só 10 anos e aquela desenvoltura, aquela fome de gol, aquele chute canhoto... Me pareceu um investimento seguro." Na época, Endrick ficou no sub-11 e fez sucesso instantaneamente. Além da desenvoltura, chamava atenção pela força física desproporcional à idade. Aos 14, já estava no sub-17. E logo depois de fazer 15, em julho passado, estreou no sub-20. No primeiro jogo como titular, fez um gol.

Wesley Carvalho, que era treinador do sub-20, foi o responsável por esse salto. "Estava muito fácil para ele no sub-17", diz. "Antes, no sub-13, dava dois tapas na bola e já deixava três para trás. Falei *(para o João Paulo Sampaio)* que tinha de subir para voltar a ser desafiado e não perder a motivação nem o prazer de jogar." Nesse movimento de pular etapas, como convém a prodígios, Endrick disputou, em 2021, três categorias: foi campeão paulista pelo sub-15 e pelo sub-20 e vi-

## A GANGORRA DA COPINHA

### Os craques que vingaram como adultos...

**Djalminha (Flamengo)**
*1990*
Campeão, escolhido como craque do torneio em 1990. Fez 5 na espetacular goleada por 7 a 1 sobre o Corinthians

NELSON COELHO

**Dener (Portuguesa)**
*1991*
Líder do título da Lusa, campeã invicta. Venceu todos os jogos e saiu consagrado. Morreu aos 23 anos, em 1994. Era uma grande promessa

REPRODUÇÃO

REPRODUÇÃO

**Rogério Ceni (São Paulo)**
*1993*
Destaque do título tricolor. A final contra o Corinthians foi uma das mais épicas da história. Placar: 4 a 3 para o São Paulo

Com o pai, Douglas: apoio para manter os pés no chão

ALEXANDRE BATTIBUGLI

ce pelo sub-17 (no primeiro jogo da final, marcou um golaço do meio de campo contra o Corinthians).

Somando todas as idades, disputou 175 jogos pelo Verdão, com 171 gols. Como sempre, contudo, fica a dúvida: até onde Endrick pode ir? Num país como o Brasil, onde muitas promessas surgem nos campos de futebol, é claro que o desejo é ver novos craques de fato conquistarem seu espaço, inclusive com a camisa canarinho. Mas a história nos mostra que alguns talentos revelados na própria Copinha não vingaram, sob pressão e cobranças exageradas *(leia mais no quadro abaixo).*

A aposta no sucesso passa pelo cuidado com que Endrick vem sendo tratado pelo Palmeiras e pela família nos últimos anos. A obrigatoriedade de frequentar a escola, por exemplo, é inegociável. A necessidade de fazer coisas típicas de um jovem estudante, também. E a participação dos pais é constantemente elogiada, justamente por manter o menino com os pés no chão. "Fazia muito tempo que não via um jovem tão bem orientado", resume a assistente social Silvana Trevisan, que trabalhou por uma década no Santos e ajudou na formação de nomes como o atual rubro-negro Gabriel Barbosa, o Gabigol, e Rodrygo (hoje no Real Madrid), ambos profissionalizados aos 16 anos. "É fundamental fazer a transição com calma, organização e precisão, afirma Silvana. O adolescente precisa frequentar a escola e ser preparado para se tornar um atleta. Por isso, a família pesa tanto nessa evolução de carreira. Vi muitos que não puderam contar com esse apoio e se atrapalharam."

O ótimo desempenho

## ... e os que sumiram

**Dinélson (Corinthians)**
*2005*
Craque do título de 2005, fez dois gols na final contra o Nacional (3 a 1). Rodou meio mundo. Aos 35 anos, está no Misto, de Cuiabá

RENATO PIZZUTTO

TETÊ VIVIANE/FUTURA PRESS

**Tiago Luís (Santos)**
*2008*
Estampou a capa do jornal *Marca* como o Messi brasileiro. Foi campeão da Série A2 do Paulista em 2021 pelo São Bernardo

**Lucas Gaúcho (São Paulo)**
*2010*
Goleador do time campeão. Chegou a ir para o time B do Espanyol, de Barcelona. Hoje joga no Qadsia, time do Kuwait

REPRODUÇÃO

na Copinha fez com que muita gente se empolgasse com Endrick. Jornalistas o compararam a Ronaldo, Maradona — e Pelé. Houve quem dissesse que Tite, técnico da seleção brasileira, deveria ficar de olhos bem abertos. Outros clamaram para que Abel Ferreira, treinador do Palmeiras, incluísse o menino na lista dos convocados para o Mundial de Clubes, uma vez que a Fifa não proíbe a escalação de jogadores sem vínculo profissional. O português, com seu característico bom humor associado à ironia, sugeriu que o garoto precisa fazer outra viagem agora: para a Disney. “Eu estou tranquilo, vou torcer muito nos jogos do Mundial”, disse o próprio Endrick, encerrando a conversa, logo depois de erguer a taça. “Tento pensar aqui na base, não pensar no profissional, para não atrapalhar minha carreira. Se Deus quiser e eu subir um dia, vou começar uma nova fase. O Abel está supercerto”. É postura de adulto. Curiosamente, faltou pouco para ele estrear no time de cima. Nas rodadas finais do Campeonato Brasileiro do ano passado, em meio à preparação para a decisão da Libertadores contra o Flamengo, em Montevidéu, Abel optou por poupar diversos titulares. Douglas, pai do jogador, recebeu uma ligação dizendo que o filho estava cotado para uma das partidas. Alguns dias depois, o Departamento Jurídico descobriu que o Regulamento de Competições da CBF tinha sofrido uma alteração (de 2020 para 2021) e que não profissionais só poderiam entrar em campo pelo Brasileirão depois de completar (sempre eles) os 16 anos. Em 2020, a regra era 15 anos, o que possibilitou a Ângelo atuar pelo Santos.

Aliás, quando o precoce Ângelo entrou em campo, meio mundo começou a enfileirar a incrível trajetória no alvinegro praiano, fonte de revelações desde sempre. O cen-

INSTAGRAM @PELE

Pelé, de precoce a rei do futebol: aos 15, a estreia como profissional

**Santos F. C., 7 vs. Corintians de Santo André, 1**

SANTOS — Manga; Helvio e Ivan; Ramiro (Vioti), Urubatão e Zito; Alfredinho, Alvaro, Del Vecchio, Jair e Tite (Telé).

Corintians — Antoninho; Bugre e Chicão; Mendes, Tito e Tonico;

## NO JORNAL, O NOME REGISTRADO ERRADO

No primeiro jogo de Pelé, em 1956, o *Estadão* escreveu que o apelido do garoto era Telé. Uma pequena gafe que ficou para a história do craque

Ainda mais jovem: Coutinho começou no time de cima do Santos com 14

ACERVO PLACAR

troavante Coutinho nem sequer passou pelas categorias de base e estreou em maio de 1958, num amistoso contra o Sírio-Libanês, com apenas 14 anos e 11 meses. Pelé tinha 15 anos, 10 meses e 14 dias quando, sentado no banco de reservas do Estádio Américo Guazzelli, em Santo André, foi chamado pelo técnico Luís Alonso Pérez, o Lula: "Gasolina, vem", gritou, usando um dos primeiros apelidos de Edson Arantes do Nascimento na Vila Belmiro. Ele entrou nos minutos finais do amistoso contra o Corinthians local, em 7 de setembro de 1956, ainda a tempo de passar por dois defensores, com direito a uma caneta em um deles, para marcar o primeiro de seus 1 282 gols. A estreia teve um registro burocrático no jornal *O Estado de S. Paulo*, com destaque para a expressão "ponto" como sinônimo de bola na rede: "Na etapa final, coube a Del Vecchio, Telé e Jair a marcação dos demais pontos, enquanto Vilmar assinalou o único ponto do Corinthians". Telé? A menção ao futuro rei como Telé, e não o eterno Pelé, se repetiu na ficha técnica. Eis a constatação da diferença de exposição dos jovens atletas nos anos 1950 e agora. O maior de todos explodiu sem que se soubesse como chamá-lo. Endrick já nasceu Endrick, seguido nas redes sociais, permanentemente vigiado pelos fãs.

Outro que brilhou desde cedo foi Edu, que debutou (também pelo Santos) em março de 1966, com apenas 16 anos, e meses depois estava na Copa da Inglaterra, o brasileiro mais jovem na história dos Mundiais. "Assim como o Endrick, eu só queria jogar futebol", lembra o ex-ponta-esquerda. "O perigo é a expectativa da torcida e da imprensa. Num dia só enaltece e no outro derruba. Torço para que tenha um acompanhamento correto, como eu tive." Um bom conselheiro era o zagueiro Mauro Ramos de Oliveira, capitão da seleção em 1962, que o induzia a evitar noitadas e deslumbres.

Na avaliação de Guilherme Nascimento, da Associação dos Historiadores e Pesquisadores do Santos FC, é muita pretensão comparar Endrick (ou qualquer outro) a Pelé. "Mas ele pode se tornar um novo Coutinho. Seria sensacional, não?", pergunta. Sim, seria.

Por ora, basta o entusiasmo pelo garoto que surgiu como um raio a caminho do estrelato. Raio é

NADAL ES SOBREHUMANO

MARCA

EL MADRID SE ADELANTA EN LA PUJA POR LA JOVEN PERLA DEL PALMEIRAS

EN LA POLE POR ENDRICK

USAIN BOLT Escribe para MARCA

EN PEKÍN MI VIDA CAMBIÓ POR COMPLETO

Em boa companhia: na capa do *Marca* com os fenomenais Nadal e Bolt

uma das traduções em português para a palavra *bolt* em inglês. E Bolt, no caso o jamaicano Usain (recordista mundial dos 100 e 200 metros rasos), apareceu na capa do jornal espanhol *Marca* ao lado do jovem craque palmeirense e do não menos genial tenista espanhol Rafael Nadal. Na manchete, em letras garrafais, aparecia a informação de que o Real Madrid está na "pole" para levar o atacante para a Europa. Também o Barcelona, o Chelsea, o Arsenal e os dois gigantes de Manchester (City e United) teriam manifestado interesse pelo camisa 9 alviverde, que já tem um contrato com a Nike, até o início de 2023, e recebeu diversas propostas para se tornar garoto-propaganda de produtos de diferentes segmentos. "Endrick é uma força da natureza, fogo morro acima, água morro abaixo, ninguém segura", diz João Paulo Sampaio. É bem possível, portanto, que ainda ouçamos falar muito dele, no futuro breve. A "Endrickmania" deste janeiro de 2022, quente e chuvoso, pode desaguar em decepção, é claro, como mais um caso de talento precoce a não vingar. Na base, contudo, antes mesmo de ter idade para poder votar, ele fez história. A ver quais serão os próximos passos e o destino de uma pequena alegria do povo — mesmo para os que não vestem o verde do Palmeiras. Prazer, Endrick! ■

# O API DE UI

O modelo de negócio aprovado em lei que autorizou a compra do Cruzeiro por Ronaldo e do Botafogo pelo americano John Textor representa uma nova chance aos diversos clubes brasileiros endividados — mas há muito ainda a ser feito

**Luiz Felipe Castro**

# ITO INICIAL
# MA BOA IDEIA

Ronaldo retornou ao Cruzeiro quase três décadas depois de iniciar sua trajetória brilhante como jogador profissional, aos 16 anos, contra a Caldense, diante de pouco mais de 2000 testemunhas históricas em Poços de Caldas *(O Comentarista do Futuro relembra esta história na pág. 22)*. O Fenômeno é agora o dono do time — e não no sentido figurado. Na virada para 2022, ele comprou 90% das ações do clube mineiro, que pela terceira vez consecutiva disputará a Série B, numa negociação tão surpreendente quanto impactante. Foi a inauguração de uma nova era no futebol brasileiro, a das Sociedades Anônimas do Futebol, ou simplesmente SAFs. "Tenho muito a retribuir, quero levar o Cruzeiro aonde ele merece estar", discursou o eterno camisa 9.

Dias depois, outro gigante adormecido do país, o Botafogo, de volta à elite, anunciou um acordo com o americano John Textor, dono da Eagle Holdings, empresa do ramo da tecnologia, cinema e esporte, e sócio do Crystal Palace, da Inglaterra. A XP Investimentos atuou como consultora nas negociações. Os valores são muito próximos. Ronaldo e Textor pagarão 400 milhões de reais, de forma parcelada, e assumirão também as bilionárias dívidas dos clubes. Os acordos foram recebidos com enorme euforia por cruzeirenses e botafoguenses. Surpreendido em meio a abraços de uma multidão no Aeroporto Santos Dumont, no Rio, Textor foi certeiro na avaliação inicial. "Aquilo significa esperança", disse o magnata de 56 anos. "Não esperava e não mereço o comportamento da torcida, mas aceito a empolgação como sinônimo de ambição."

Cabe a euforia, ainda mais para torcedores que vêm sofrendo com a própria desgraça e as constantes glórias dos rivais. A mudança, contudo, não é garantia de sucesso. Ronaldo, aliás, já tem uma experiência amarga como cartola, como sócio majoritário do Real Valladolid, da Espanha, rebaixado à segunda divisão em 2021. Ele deu outras caneladas empresariais, como quando teve de encerrar as atividades da badalada agência 9ine. Logo nos primeiros dias em BH, ouviu ofensas de um grupo de torcedores inconformados com a saída do veterano goleiro Fábio, ídolo do Cruzeiro. Pouco depois, porém, foi ovacionado nas arquibancadas do Independência na estreia do Campeonato Mineiro. O Fenômeno, afinal, está acostumado a sempre se reerguer (e faturar, claro). Aposta, de terno e gravata, em trazer para o Brasil um modelo consagrado na Europa.

VITOR SILVA/BOTAFOGO

John Textor, o novo dono do Botafogo: aposta no histórico time de Garrincha

CHRISTOPHE PETIT TESSON/EFE

Segundo levantamento da consultoria Ernst & Young, 92% das equipes das cinco maiores ligas europeias (Inglaterra, Espanha, Itália, Alemanha e França) são entidades privadas. O atual campeão continental, o Chelsea, foi comprado em 2003 pelo magnata russo Roman Abramovich e passou de uma equipe média, com apenas um título inglês na história, em 1955, a uma potência, duas vezes campeã da Champions League. O Paris Saint-Germain, comprado em 2011 pela Qatar Sports Investment, subsidiária do fundo de riqueza soberano do emirado, persegue o mesmo sonho — e ainda serve como um relevante mecanismo de *sportswashing*, termo que define o uso do esporte como forma de melhorar a imagem de um país enrolado com questões de direitos humanos.

No Brasil, ainda impera o modelo de associação sem fins lucrativos. Na Série A, apenas o Cuiabá e o rebatizado Red Bull Bragantino já haviam adotado modelo profissional, ainda seguindo outro tipo de legislação. No passado, as leis Zico, Pelé e Profut propuseram soluções formais ou punitivas para incentivar o modelo empresarial, sem grande resultado. Agora, porém, a nova legislação, sancionada em

Milionários: com dinheiro do Catar, o empresário Nasser Al-Khelaifi conseguiu atrair nomes como Neymar e Messi

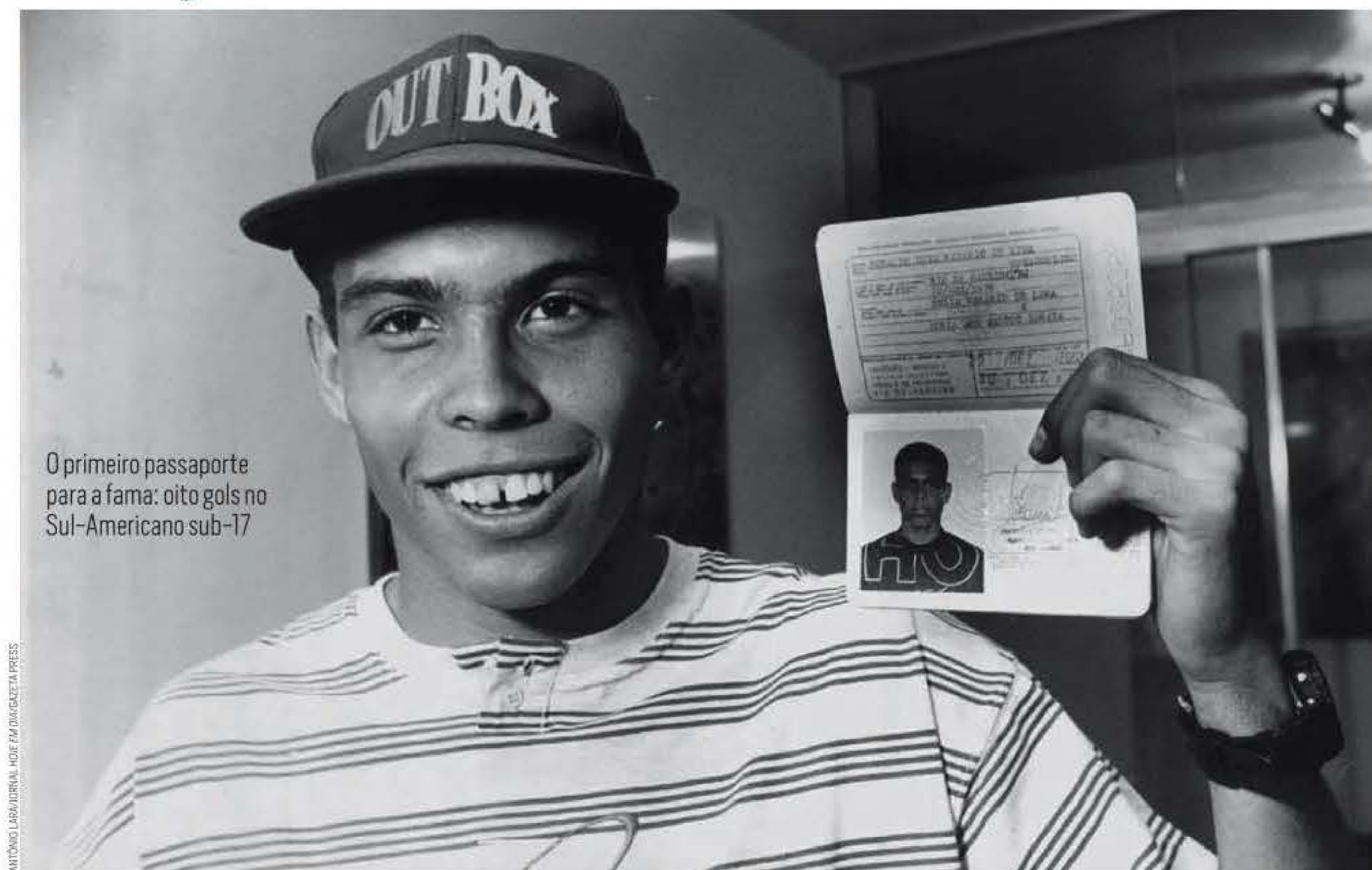
ANDY BARTON/SOPA IMAGES/GETTY IMAGES

O outro lado: torcedores do Manchester United protestam contra os donos americanos

agosto do ano passado, abre novos horizontes. A lei das SAFs esbarrou em restrições iniciais do presidente Jair Bolsonaro sobre questões tributárias, mas os vetos acabaram derrubados. Há evidentes vantagens de se tornar uma SAF, atalho para a construção do que se convencionou chamar de "clubes-empresa". A gestão será firme e transparente, com auditoria anual e a obrigatoriedade de serem montados um conselho de administração e um conselho fiscal. O mecanismo de sociedade anônima facilitará a quitação de dívidas, ancorado em um regime tributário vantajoso. Os impostos serão recolhidos em cima de 5% do faturamento nos primeiros cinco anos sem incidência sobre a venda de direitos de jogadores — depois disso, a taxa cai para 4%, aí, sim, com incidência sobre as transferências.

As garantias, rigidamente controladas, certamente abrirão portas para investidores, mais seguros de seus passos. É caminho para a reinvenção do futebol brasileiro, atavicamente amador e viciado politicamente, e pode servir de impulso à urgente necessidade de criação de uma liga independente — com algumas décadas de atraso.

Mas há riscos. Como em qualquer empresa, a má gestão pode significar enormes dores de cabeça — em última instância, a falência, como aconteceu com o Parma, equipe de certa tradição na Itália. Fãs de gigantes em crise, como Milan e Manchester United, também atestam que a chegada de aporte estrangeiro, seja russo, seja chinês, seja árabe, não é garantia de sucesso. Nessa lógica, é plenamente possível conciliar boa gestão com o modelo tradicional, como fizeram Palmeiras e Flamengo, os clubes mais vitoriosos do país nos últimos anos. Mas são exceções que apenas confirmam a regra, como sempre.

A maioria dos clubes interessados em se tornar sociedades anônimas de futebol o faz como única saída, mal das pernas. Porém, há ainda cautela, ou medo, em dar o novo passo. "Clubes grandes com boa saúde financeira certamente não adotarão as SAFs agora, pois há rejeição e muito conservadorismo", diz Eduardo Carlezzo, advogado especializado em direito desportivo, que participou da elaboração da lei. "Mas, conforme a roda for girando, times como Internacional, Santos, Fluminense e São Paulo podem ser empurrados a fazer esse tipo de operação para não ficar para trás." Há, desde já, intensa movimentação nos bastidores para atração de capital interno e externo. Athletico Paranaense, América-MG, Coritiba e Chapecoense devem ser os próximos da fila. O futuro é promissor, desde que o novo paradigma seja tratado com zelo inédito. As SAFs são o apito inicial de uma boa ideia. ■

O primeiro passaporte para a fama: oito gols no Sul-Americano sub-17

ANTÔNIO LARA/JORNAL *HOJE EM DIA*/GAZETA PRESS

# ESTE DENTUÇO VAI LONGE!

O Comentarista do Futuro retorna a 1993, na aprazível Poços de Caldas, vê o primeiríssimo jogo de Ronaldo no Cruzeiro e dá spoilers sobre os próximos "fenômenos" da carreira do craque

**Claudio Henrique**

Certa vez, ainda jovem, ouvi de um amigo que chegar aos 27 anos é um marco da nossa existência. A partir daí, a vida começaria a passar mais rápido do que gostaríamos e somos capazes de controlar. Ao viajar na máquina do tempo até aqui, caros leitores e leitoras de 1993, vim ao encontro da minha tal "idade divisória", o que me fez observar que os meus próximos 29 anos vão referendar a sentença. Em 2022, de "quando" venho, terei a sensação de que "parece que foi ontem" que as rádios tocavam novos artistas como Gabriel o Pensador *(Lôraburra)* e todo mundo (crítica e torcedores) dizia que o futebol brasileiro tinha chegado ao fim, enterrado pela "Era Dunga" e pelos fracassos de 1986 e 1990. Pois saibam que, num piscar de olhos, tudo estará de ponta-cabeça. As duplas sertanejas ocuparão 99% do mercado musical, sem deixar fresta pra que algo diferente aconteça; e viveremos novos dias de glória com a seleção, em grande parte pela genialidade de um jogador que estreou ontem nos gramados: Ronaldo, adolescente de 16 anos escalado pelo técnico Pinheiro na vitória do Cruzeiro (1 a 0) sobre a Caldense. Acreditem: vai brilhar tanto esse moleque que se tornará o dono do time. E não é metáfora! Cumprirá destino fenomenal, cujo ponto alto se dará em 2002, em seus quase 26 anos. Depois? Fará 27 e a vida vai seguir. Acelerada.

Nem cruzeirenses deram muita bola para o confronto de ontem à noite, de olho na final da Copa do Brasil, semana que vem, contra o Grêmio. No aprazível estádio da Caldense, em Poços de Caldas — que os torcedores da cidade chamam carinhosa e premonitoria-

EUGENIO SAVIO

O permanente sorriso do 9 com a camisa da Raposa: uau, velocidade estonteante!

mente de "Ronaldão" —, o jovem atacante não fez gol. Mas fará 56 em 58 jogos que disputará pela Raposa. Registre-se que o tento solitário de Ramon Menezes, aos 4 da primeira etapa, veio da cobrança de falta sofrida pelo garoto. Ainda este ano, em novembro, aguardem, Ronaldo vai meter cinco em goleada de 6 a 0 que o Cruzeiro aplicará num clube baiano. Um deles, singular, será sempre lembrado, pela sagacidade ao roubar a bola aproveitando um suspiro do goleiro adversário. Não é só pelos dentes protuberantes. No futebol, ele é diferenciado.

Repórteres e os pouco mais de 2000 felizardos nas arquibancadas perceberam: o magrelo e dentucinho Ronaldo Nazário movimenta-se muito, em velocidade estonteante, mesmo com a bola nos pés. Com essas explosões, ganhará na Itália um apelido, escrevendo assim seu nome na história do futebol: "Ronaldo Fenômeno". Mas no futuro também vai virar o pescoço largo se alguém gritar "Ronaldinho!" e "R9!". Ou "Fofucho!", mas isso no fim da carreira.

Uma das coisas mais legais da trajetória do craque que está nascendo será atravessar três décadas como ídolo em todo o mundo tendo uma vida com altos e baixos, como qualquer pessoa normal. Vai se casar com uma atriz famosa num castelo na França e mudar de ideia três meses depois, cancelando o matrimônio; será pego em flagrante num motel na companhia de moças com voz grossa e supostas fileiras ilícitas sobre a mesinha de cabeceira; e retornará ao Brasil para atuar num clube de imensa torcida trazendo junto uma barriga digna de pô-lo em impedimento nos lances de ataque. Mesmo com essas e outras escorregadelas, Ronaldo terá o incrível talento de dar a volta por cima em qualquer situação, mantendo a imagem positiva e querida por todos. Esse, sim, seu maior fenômeno.

Dará ainda demonstração exemplar de superação física e força de vontade, recuperando-se de grave contusão a tempo de jogar e ser o craque de uma Copa, ganhando a taça e mais admiração mundial. Foi Jairzinho, o Furacão, que trouxe esse "ciclone" pra Minas. Ronaldo é carioca, de Bento Ribeiro, onde cresceu jogando futsal. Depois, já dando as primeiras arrancadas no São Cristóvão, foi visto e comprado por empresários, que o revenderam a Jair por 10000 dólares — uma merreca, pois chegará a ser negociado na casa dos quase 100 milhões de dólares.

Os dirigentes do Cruzeiro se interessaram pelo magrelo que se salvou no recente fiasco da seleção sub-17. Depois de tirar seu primeiro passaporte, Ronaldo viajou com a delegação para a Colômbia e marcou oito gols no Sul-Americano. "Botar a bola pra dentro" é com ele. No próximo século — alerta de spoiler! — baterá o recorde como jogador com mais gols em Copas. Marca depois superada por um "zé-banheira" da Alemanha. Já é tratado como joia na Toca, mas junta-se ao grupo profissional somente em agosto, quando o próximo treinador, Carlos Alberto Silva (rechitégui entreguei!), vai levá-lo em excursão a Portugal. Na Europa, vestirá a camisa de clubes da estatura de Barcelona, Inter de Milão, Real Madrid e Milan. E em estádios bem diferentes do "Ronaldão".

Colecionará títulos e prêmios de Melhor do Mundo e será amigo de celebridades internacionais sem nunca perder a simpatia (com o inconfundível sorriso) e a simplicidade que em breve vocês conhecerão melhor. Ronaldo levará "de boa" até quando, nos anos 2000, um famoso humorista criar um personagem na TV inspirado nele, o "Fofômeno" — brincadeira com o peso do atacante. Vai pendurar as chuteiras, e não o amor e envolvimento com a bola. Deixei 2022 com a notícia de que, por meio de uma de suas empresas, já acionista majoritária de um clube na Espanha, Ronaldo estava adquirindo mais um time de futebol, justo o Cruzeiro, que ontem lhe abriu as portas da eternidade. Parece que foi ontem. E pra vocês, leitores, foi mesmo. ■

**O Comentarista do Futuro escreve às terças-feiras no site de PLACAR**
@comentaristadofuturo

Decca no gramado: o "patrocinador" do Wakefield é a sua empresa americana do mercado financeiro

# UM TOQUE DE BRASIL

Desde novembro de 2021, o paulistano Guilherme Decca comanda o Wakefield, time da 11ª divisão inglesa, com um olhar de longo prazo para conquistar espaço

**Leandro Miranda**

A onda dos clubes-empresa pode estar só começando no Brasil, mas na Inglaterra ela é realidade há muito tempo. Todos os principais times têm dono. E, mesmo sem a trajetória de um Ronaldo Fenômeno, vários deles são quase tão famosos no mundo da bola: o russo Roman Abramovich, do Chelsea; os irmãos americanos Avram e Joel Glazer, do Manchester United; o sheik Mansour bin Zayed Al Nahyan, do Manchester City.

Muitos degraus abaixo, na enorme pirâmide do esporte inglês, um brasileiro realizou, em novembro do ano passado, o sonho de ter uma equipe (da 11ª divisão) para chamar de sua. Guilherme Decca, paulistano de 44 anos, comprou o Wakefield AFC, na cidade de mesmo nome — a 300 quilômetros ao norte de Londres, tem pouco menos de 80 000 habitantes e é considerada a maior do país sem um esquadrão profissional de futebol. O mais curioso, contudo, é o fato de ele morar do outro lado do Atlântico, no estado americano de Connecticut, onde é o CEO e cofundador da VO2 Capital, empresa de gestão de patrimônio. "Aqui, a gente ganha dinheiro. O Wakefield é paixão mesmo", diz.

Tudo começou meio por acaso, quando um cliente o apresentou a agentes que trabalham no universo boleiro. Ao lado do sócio, o também brasileiro André Ikeda, de 35 anos, começou a pesquisar o mercado em busca de realizar o sonho. Nas divisões mais altas só encontrou imensas dívidas, estruturas precárias e contas desorganizadas. O Wakefield, fundado em 2019, ainda não tinha heranças negativas nem passivos financeiros. Nesses últimos meses, a rotina tem sido intensa. Por causa das cinco horas de diferença de fuso horário, Decca acorda às 5 da manhã para responder mensagens e participar de reuniões do clube. Das 8 em diante, se dedica ao mercado financeiro. Ikeda, que também é membro do conselho de administração da nova empresa, se alterna com o amigo nos compromissos além-mar.

Decca assiste por vídeo a todos os jogos do time principal, do sub-23 e da base e, depois de cada partida, se reúne com a comissão técnica e a diretoria de futebol para avaliar o que deu certo e onde melhorar. Discute estratégias de jogo, atuações individuais, possíveis contratações. Só não interfere na escalação. "Preciso me controlar, não quero ser um Eurico Miranda", brinca. Mas, claro, exerce seu papel com determinação.

Em janeiro, o ex-jogador Adam Lockwood passou de técnico a diretor de futebol. Em seu lugar, assumiu o brasileiro Gabriel Mozzini, que estava no juvenil do Queens Park Rangers, da segunda divisão. "Precisávamos de um treinador mais jovem, aberto a trabalhar de um jeito mais científico", diz Decca. "Ele não tem a mesma experiência do Adam, mas adora análise, estatísticas, fazer vídeos. Depois do jogo de estreia, já mandou clipes com lances para os atletas. Esse novo jeito de agir está mais alinhado com o que a gente espera."

Para quem está de fora, esse olhar moderno pode até parecer exagerado. Afinal, a 11ª divisão (há pelo menos vinte no país) é semiprofissional. Muitos atletas são amadores, outros recebem ajuda de custo. Desde que foi fundado, o Wakefield só participou de meia temporada, por causa da pandemia de Covid-19. Neste momento, disputa uma das ligas regionais, a Sheffield & Hallamshire County Senior Football League, que tem catorze participantes.

WAKEFIELD AFC

Comemoração: em média, 500 torcedores veem as partidas

ARQUIVO PESSOAL

Até o fim de janeiro, quando esta reportagem foi escrita, doze partidas tinham sido disputadas e o time ocupava a quinta posição. Os três melhores garantem o acesso.

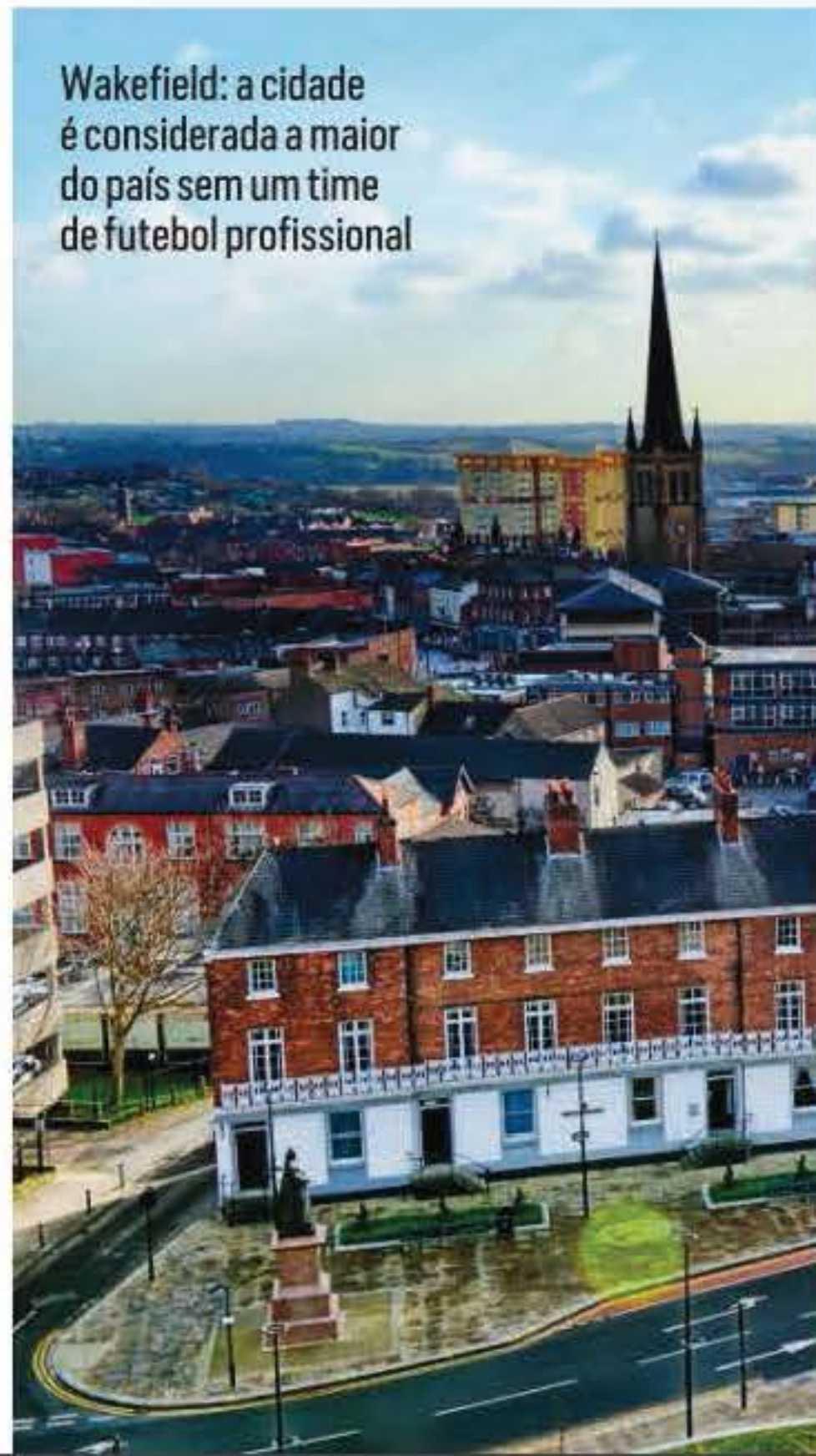
Mas Decca afirma que subir como um foguete não é a meta. Ao contrário. "Se eu colocasse bastante dinheiro, poderia ser promovido várias vezes, falar que o clube vale muito mais do que paguei e pular fora", diz. "Mas eu quero rodar esse negócio pelos próximos quarenta anos." Segundo ele, o trabalho com gestão de patrimônio exige um olhar de longo prazo — e a ideia é replicá-lo na experiência futebolística. "Jornalistas e torcedores muitas vezes têm um jeito de pensar muito imediatista", comenta. "Se o time ganha, todos são craques. Quando perde, precisa mudar tudo". Não pode ser assim.

A preocupação em adotar práticas modernas de gestão aparece também na estratégia de recrutamento: em vez de atletas "cascudos", o Wakefield busca jovens com passagens pela base de equipes maiores. O melhor exemplo é Mason Rubie, lateral-direito que atuou pelo sub-19 do Leeds. "Ele joga muito, às vezes penso: 'Como esse cara está com a gente?'", espanta-se Decca. A estrutura do clube tem sido um dos principais cartões de visita. O time manda seus jogos no estádio do Wakefield Trinity, que disputa a primeira divisão de rúgbi e tem capacidade para 7 000 torcedores (os ingressos são gratuitos, "até porque o espetáculo ainda não faz jus", com público em torno de 500 pessoas por confronto, acima da média do torneio). O sonho agora é construir um campo próprio para abrigar os treinos do time principal e os jogos do sub-23 e da base. Com isso, haveria uma economia com o aluguel dos espaços. "Sem falar que quem vem às partidas sempre compra comida, bebida ou algum souvenir", diz.

FOTOS ARQUIVO PESSOAL

Outra iniciativa inovadora é uma parceria com escolas da região para oferecer aulas de futebol às crianças. "Além de reforçar nossa marca e trazer as famílias para os jogos, teremos a chance de descobrir talentos", acredita Decca. O projeto deve começar no meio do ano e a meta é ter cinquenta colégios parceiros até dezembro. Na avaliação do CEO, o envolvimento com a comunidade é central para o futuro do clube. Por isso, pelo menos 15% das ações ficarão sempre nas mãos dos torcedores locais.

"Gerar negócios em torno do clube" é o mantra para tornar o Wakefield uma operação lucrativa. Além das reformas de infraestrutura, da busca pelo crescimento da torcida e da captação de talentos, o futebol feminino é um caminho a explorar. A ideia inicial era começar um time do zero, mas surgiu a

Wakefield: a cidade é considerada a maior do país sem um time de futebol profissional

O palco dos jogos: o estádio, para 7 000 pessoas, é do time de rúgbi

oportunidade de incorporar o Wakefield Trinity Ladies ao Wakefield AFC. A equipe disputa a quinta divisão nacional (de um total de dez). A North East Regional Women's Football League conta com dez participantes. "Infelizmente, o futebol feminino tem pouquíssimo apoio da imprensa e quase nenhum dinheiro", explica Decca. Só os grandes sobrevivem. A Women's Super League congrega apenas as duas primeiras divisões. Nem os melhores da Terceira têm garantia de acesso — é preciso passar por um processo de avaliação para ser aceito. No dia a dia, muitas atletas lavam o uniforme em casa, dada a falta de estrutura.

O elenco feminino do Wakefield é considerado melhor do que o masculino. Emily Heckler, camisa 10 e capitã, já esteve na seleção inglesa sub-20. Por isso, a nova diretoria sonha alto. "Se conseguirmos subir duas divisões, passaremos a jogar contra Leeds, Newcastle, times bem melhores", aposta Decca. O problema, diz ele, é mesmo a falta de dinheiro. "Ainda não conseguimos nenhuma empresa para patrocinar a camisa. Como ela é toda branca, vou até colocar o logo da VO2 Capital para não ficar feio."

Até onde pode chegar o sonho? Ainda é cedo para fazer previsões. Por enquanto, é só investimento mesmo. "Precisamos conquistar a população, aumentar a torcida, começar a trazer dinheiro." Decca reconhece que, "no fundo, o projeto é uma diversão pessoal de quem queria ter um time e comprou o mais organizado que estava disponível". Ele sabe que há um abismo entre o mercado financeiro e a realidade de um pequeno clube no interior da Inglaterra. Mas, claro, seus olhos brilham quando pensa na possibilidade de enfrentar times tradicionais, tanto no masculino quanto no feminino. ■

# OS GOLS DE CINEMA ENFIM VOLTARAM

O futebol sempre andou de mãos dadas com os avanços das câmeras de filmar. A boa novidade é um recurso — lançado no Brasil pela Globo — que põe o foco em primeiríssimo plano e desfoca o fundo. E como não lembrar do lendário *Canal 100,* que abria as sessões dos anos 1950 aos 1980?

**Maria Fernanda Lemos**

Cinegrafista britânico da BBC de Londres no início dos anos 1960: os trambolhos começavam a diminuir de tamanho

PA IMAGES/GETTY IMAGES

Pã, pã, pã, pã, pã... Os leitores mais jovens de PLACAR talvez tenham de perguntar a seus pais e avós como era bonito ouvir os trinados de saxofones e trompetes de *Na Cadência do Samba,* no escurinho do cinema, inebriados pelos dribles e gols de Pelé, Garrincha, Zico, Roberto Dinamite, Rivellino e outros gênios da bola. O *Canal 100,* cinejornal que exibia os melhores lances do futebol, em preto e branco, no início, mas depois também em cores, levava os torcedores para dentro dos gramados — olho no olho, próximo mesmo dos jogadores e das arquibancadas. Representou, entre as décadas de 1950 e 1980, o renascimento do futebol e a criação de uma estética que está na

memória coletiva do país. Havia o cinema novo, uma câmera na mão e uma ideia na cabeça, mas havia também o *Canal 100*.

Pã, pã, pã, pã, pã... O objetivo era chegar mais cedo às salas de cinema, em busca dos mais recentes filmes de Fellini, Glauber e Spielberg, só para tirar uma casquinha dos grandes jogos da rodada como não se via na televisão. Muita gente escolhia as sessões somente depois de saber qual seria a partida registrada pela turma do futebol. Não há, enfim, como escapar da lembrança do *Canal 100* ao vermos as imagens que a Globo mostrou no Brasileirão de 2021 — e que serão exibidas também neste ano. Os gols de cinema estão de volta, com as imagens focadas em primeiro plano e desfocadas ao fundo. Nas redes sociais, deu-se a comparação adequada: "parece videogame", escreveu um torcedor rubro-negro ao publicar a imagem de Everton Ribeiro em partida contra o São Paulo *(veja abaixo)*. O recurso de borrar o que está lá atrás, ao ressaltar o que vem à frente, tem sido feito pelos cinegrafistas com a câmera Alpha 7 III, da Sony. Com o auxílio de um "gimbal", estrutura que estabiliza o aparelho, os movimentos parecem sempre suaves, sem solavancos. O profissional leva uma mochila às costas com uma antena que transmite as imagens diretamente para a central da Globo. E dá-se o espetáculo.

Há uma diferença fundamental entre as imagens em close do *Canal 100* e sua recente "releitura": o tamanho das ferramentas. A Alpha 7 é pequena, leve e rapidíssima. A Arri 2c, do *Canal 100*, cujas primeiras versões foram lançadas durante a II Guerra, era um trambolho enorme e pesado. Mesmo os aparelhos mais compactos, como os usados pela BBC nos anos 1950, exigiam revelação de filmes negativos e, obviamente, tempo para que os lances e gols pudessem ser exibidos.

REPRODUÇÃO

Comemoração de gol do Flamengo contra o São Paulo no Brasileirão: como se fosse videogame

O avanço da tecnologia autoriza saltos de qualidade. Sensores digitais de câmeras eletrônicas permitem capturar com nitidez as imagens próximas à lente e abstrair o que está fora do foco. "É diferente do que se costuma fazer nas transmissões esportivas normais, quando é explorado o foco total da imagem", diz Rafael Rusak, professor de Comunicação e Audiovisual da PUC-Rio. "É como se, com esse efeito, o espectador estivesse sentado ali na primeira cadeira do estádio, ao lado do campo". Em tempo de pandemia, com o compulsório e louvável distanciamento social, é um presente e tanto.

ALEXANDRE BATTIBUGLI

Antena para transmissão imediata e estabilizador: "truques"

Cabe ressaltar que o recurso é um acessório às tradicionais imagens ao longo da partida, a disputa em si. O recurso é usado apenas em momentos de bola parada, como na formação dos jogadores ao cantar o hino brasileiro, entrevistas, na cobrança de escanteio, lateral e, sobretudo, na vibração dos gols, para oferecer um destaque à parte a esses lances. Trata-se, no jargão do esporte televisionado, do bom uso da *pitchside cam*, a câmera de lado de campo, em tradução livre para o português. A técnica é usada na NFL, a liga esportiva profissional de futebol americano dos Estados Unidos, e na primeira divisão do

Campeonato Espanhol. Em nota divulgada à imprensa, as autoridades da La Liga resumiram o recurso: "As imagens comumente vistas no mundo dos filmes e videogames foram trazidas para melhorar a experiência do usuário". Melhoram, sem dúvida — em novo passo de um tango decisivo para o esporte, o casamento entre o jogo jogado e o que é visto pela televisão. O futebol, reafirme-se, é entretenimento. Muito mais gente acompanha as partidas diante da televisão do que em estádios com ingressos a preços invariavelmente caros.

Na Copa do Mundo, em 2018, na Rússia, cada partida era registrada por 33 câmeras, das quais 25 câmeras regulares, oito câmeras super slow-motion, quatro câmeras ultra slow-motion e duas câmeras exclusivas para o VAR, o controverso árbitro assistente de vídeo, nas linhas de impedimento das duas áreas. Resumo do espetáculo: nada mais escapa à tecnologia. Percorreu-se, porém, um longo caminho. A década de 1930 inaugurou a era das transmissões esportivas. A Olimpíada de Berlim, em 1936, aquela em que o atleta americano negro Jesse Owens calou o líder nazista Adolf Hitler nas arquibancadas, foi a primeira a ser televisionada. O show de imagens, a princípio, era artigo de luxo. A maior parte dos 1 283 gols de Pelé nem sequer foi filmada — se todos os gaiatos que disseram ter visto, *in loco*, em 2 de agosto de 1959 o gol que o próprio Rei sempre disse ser o mais bonito, aquele em que ele chapela três defensores do Juventus antes de estufar as redes, a acanhada Rua Javari, na Mooca, precisaria ser maior que o Maracanã. Os primeiros títulos mundiais do Brasil, em 1958 e 1962, por exemplo, foram comemorados pelo radinho de pilha. Pode parecer loucura, mas o replay, a repetição dos lances, recurso que mais diferencia a experiência de assistir a um jogo no estádio e no sofá, só estreou na Copa do Mundo de 1966, na Inglaterra. Já o tri no México, em 1970, foi o primeiro transmitido ao vivo no país e também em cores, mas apenas para alguns pouquíssimos privilegiados brasi-

## EVOLUÇÃO A OLHOS VISTOS

Quatro pequenos grandes saltos nas transmissões pela TV

FOTOS REPRODUÇÃO

### REPLAY
*COPA DO MUNDO DE 1966*

O torneio na Inglaterra no tempo dos Beatles foi o primeiro a oferecer o recurso de repetição imediata dos melhores momentos do jogo. A tecnologia revolucionou a forma de acompanhar as partidas. Naquele tempo, as transmissões via televisão, por meio de satélite, eram limitadas a poucos países europeus. No Brasil, as transmissões não eram ao vivo, e as fitas com as imagens do jogo eram exibidas muitas vezes com dias, dias mesmo, de atraso.

### CORES
*COPA DO MUNDO DE 1970*

Os brasileiros não tinham televisores em cores em casa, mas os técnicos da Embratel acompanharam o "milagre" nas instalações da empresa. Na estreia da seleção contra a Checoslováquia, no México, foi possível ver o amarelo da camisa canarinho, hoje tão maltratada politicamente. Na maioria dos lares, porém, os jogos exibidos em pool pela Tupi, Globo e Emissoras Associadas, despontaram em preto e branco cinzento, cheio de "fantasmas".

leiros com os aparelhos de última geração *(leia o quadro abaixo)*.

A década de 1980 viu emergir novidades tecnológicas que seriam o embrião do VAR. O chamado tira-teima, no qual linhas eram traçadas para verificar se uma bola entrou ou se o atacante estava em impedimento, estreou na Copa de 1986. O ex-árbitro Arnaldo Cezar Coelho, que em 1989 inaugurou a função de "comentarista de arbitragem" no país, relembra as inovações. "Cada ano aparecia uma câmera nova, a Globo sempre investiu nisso", diz. "Mas é como no VAR. A tecnologia nos ajudava a avaliar um lance, mas não era infalível, operada por um ser humano no switcher *(sala de cortes de câmeras que é o "coração de uma transmissão")*, que poderia errar o momento de parar a imagem e traçar uma linha." Os árbitros e comentaristas podem até ser os mais beneficiados pelos últimos avanços, mas é o espectador que as emissoras precisam fisgar.

Em texto escrito para a revista *Piauí*, o jornalista Bruno Torturra lembrou das peripécias de seu avô, Francisco Torturra, cinegrafista do *Canal 100*, mestre da Arri 2c: "Cada chassi tinha apenas quatro minutos de película. Se o cinegrafista começasse a filmar antes da hora, perdia o chute, o drible, o pênalti, o gol. Torturra desenvolveu o talento de filmar apenas o essencial — e intuir a jogada certa e o alarme falso. Conversava com técnicos e jogadores para se antecipar às jogadas ensaiadas. Rente ao chão, com os dois olhos abertos, um no visor, outro no campo, ocupou o fosso do Maracanã como se aquilo fosse a sua terra natal. Foi o primeiro a usar câmera lenta. Walter Carvalho, fotógrafo de *Lavoura Arcaica*, *Madame Satã* e *Carandiru*, entre outros filmes, escreveu que "Torturra posicionava sua câmera no nível da grama e dominava o percurso da bola com a destreza do seu olho e os reflexos dos seus músculos. Como Garrincha, levava a bola até o gol". E, agora, o futebol não para de se reinventar na televisão, com uma pequena câmera na mão. ■

**TIRA-TEIMA**
***DESDE A COPA DE 1986***

Pioneira no uso do recurso nas transmissões esportivas, a Rede Globo usa o tira-teima desde 1986, na Copa do México, aquela de Maradona e da "mão de Deus" (que, aliás, ninguém conseguiu decifrar na hora). O dispositivo consegue paralisar a imagem de uma jogada e esclarecer os lances polêmicos e situações de impedimento. Estreou naquela edição nos intervalos das partidas, com os comentários de Zagallo e Rubens Minelli.

**CÂMERA 360 GRAUS**
***DESDE A COPA DE 2014***

Marca registrada das transmissões do Campeonato Espanhol (La Liga), começou a ser usada ao vivo pela Globo na partida entre Flamengo e Coritiba, pelo Campeonato Brasileiro. São diversas câmeras instaladas em torno do gramado. As imagens são enviadas simultaneamente para um computador. A partir da combinação feita por algoritmo, é possível ver uma jogada de vários ângulos. Em tempo de VAR, o onipresente e necessário VAR, transformou-se em recurso valioso no sofá de casa.

Alexia: “Somos responsáveis por garantir que as meninas tenham a chance de ser jogadoras de futebol, não importa de onde venham, onde nasceram, a cor de sua pele”

DAVID RAMOS/UEFA/GETTY IMAGES

# LONGA VIDA À RAINHA BLAUGRANA

Na temporada 2021, Alexia Putellas, 27 anos, ganhou a tríplice coroa com a camisa do Barcelona, levou para casa os troféus Bola de Ouro e The Best e dedicou os prêmios individuais ao maior incentivador: o pai, morto pouco tempo antes de ela se consagrar com o time do coração

**Mariah Magalhães**

"Gostaria de dedicar este troféu a uma pessoa que foi e sempre será muito especial para mim, pela qual faço tudo. Espero que esteja muito orgulhoso de sua filha, onde quer que esteja. É para você, pai." Foi assim, com nó na garganta, que Alexia Putellas abriu seu discurso no Théâtre du Châtelet, ao receber a Bola de Ouro, da revista *France Football*, no fim de 2021. Em janeiro, ela ganhou também o prêmio The Best, da Fifa. Não tem para ninguém: é a melhor jogadora de futebol do mundo. Uma honraria que o pai, Jaume Putellas, de quem herdou a paixão pelo esporte e pelo Barcelona, adoraria ter presenciado. Sua morte, em maio de 2012, deixou cicatrizes — mas também foi o combustível para brilhar no gramado.

Putellas (pronuncia-se Puteias) nasceu e cresceu em Mollet del Vallès, na Catalunha, e começou a jogar aos 6 anos, ainda na escola, pouco depois da primeira ida ao Camp Nou, no clássico da região diante do Espanyol. Ela chegou a entrar no clube de sua cidade, mas como era um time masculino, não se sentia à vontade. Passou, então, às categorias de base do Sabadell, na periferia de Barcelona. Foi naquele momento que Jaume, ao perceber o imenso talento da filha, a levou para o Levante, de Valência, a 350 quilômetros de distância.

A mãe, Elisabet, e a irmã, Alba, eram presença constante nos treinos, jogos e competições, mas o pai se entregava 100%. Jaume cresceu numa família de motociclistas, era fã de basquete e tinha um carinho especial pelo Barça, seu time do coração. Ele morreu (de causas não reveladas) em maio de 2012, dois meses antes de o passe da filha ser negociado com o time blaugrana, aos 18 anos. Canhota como os ídolos Rivaldo e Messi, Alexia começou no clube catalão ainda nas categorias de base, mas logo foi promovida ao time principal, do qual é a atual capitã. Em 2013, marcou um golaço diante do Zaragoza que lhe rendeu uma inusitada relação musical com o Brasil. Impressionada com a jogada, a banda mineira Skank, compôs a canção Alexia.

"Pela rambla o estandarte das cores / Catalunya, Barceloneta, Blaugrana / A mirar-lhe o olhar de mil homens / Bailarina dança na roda sardana / Chove chuva, molha o chão / Nuvem, samba do avião / Ela vai jogar / Hendrix, Elvis, Messi e hoje brilha nova estrela dessa galáxia / Flashes, lights, likes, closes / Compartilha agora a beleza de Alexia", dizem os versos de Samuel Rosa. Alexia agradeceu a homenagem, mas disse que prefere ter exaltadas suas qualidades como atleta.

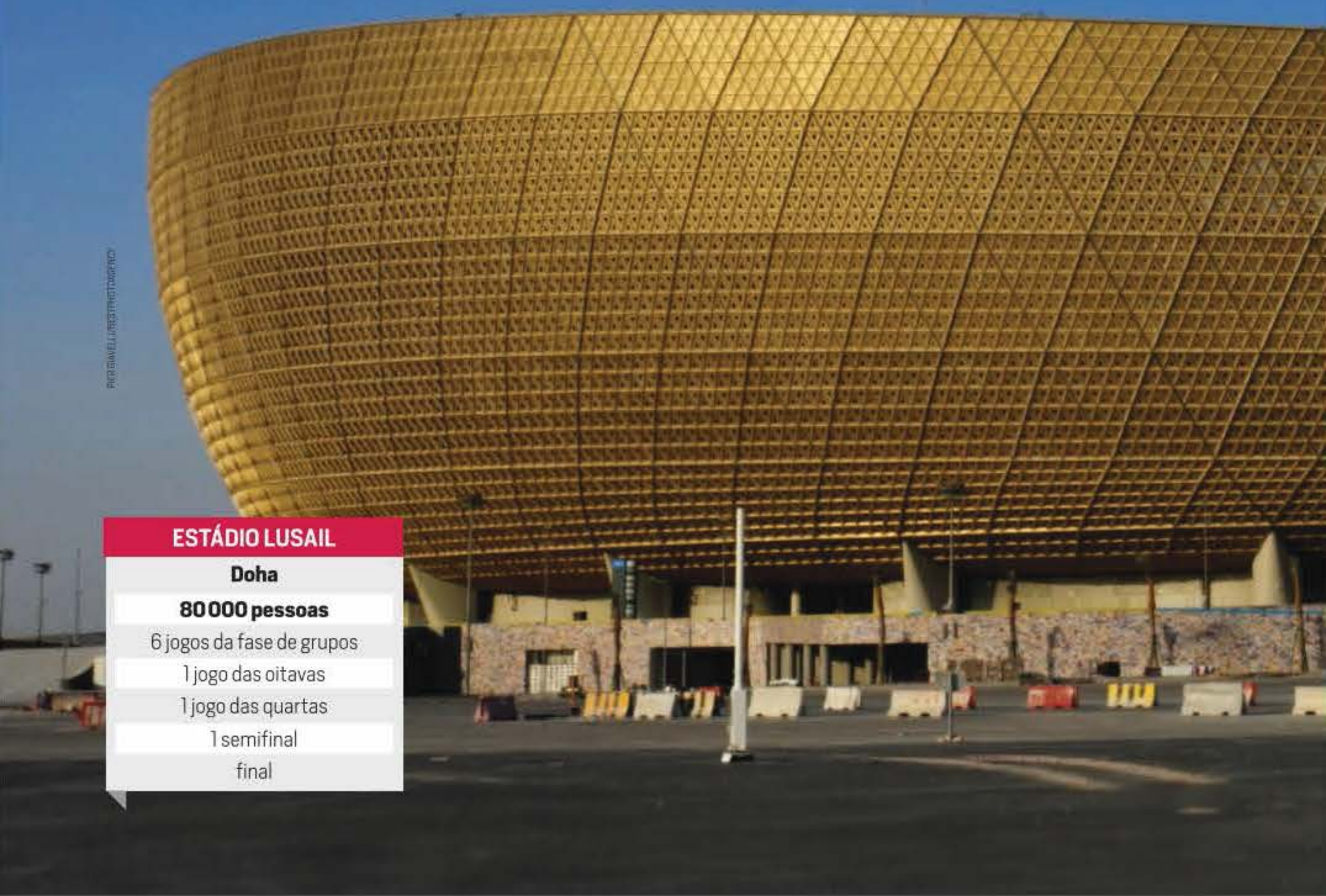
Em 2021, ela brilhou na conquista da tríplice coroa: Copa da Rainha, Campeonato Espanhol e Liga dos Campeões, a primeira do Barça entre as mulheres. Além disso, a camisa 11 joga também na seleção espanhola, onde soma 93 aparições e 23 gols. Sua principal característica é a visão de jogo para servir as companheiras.

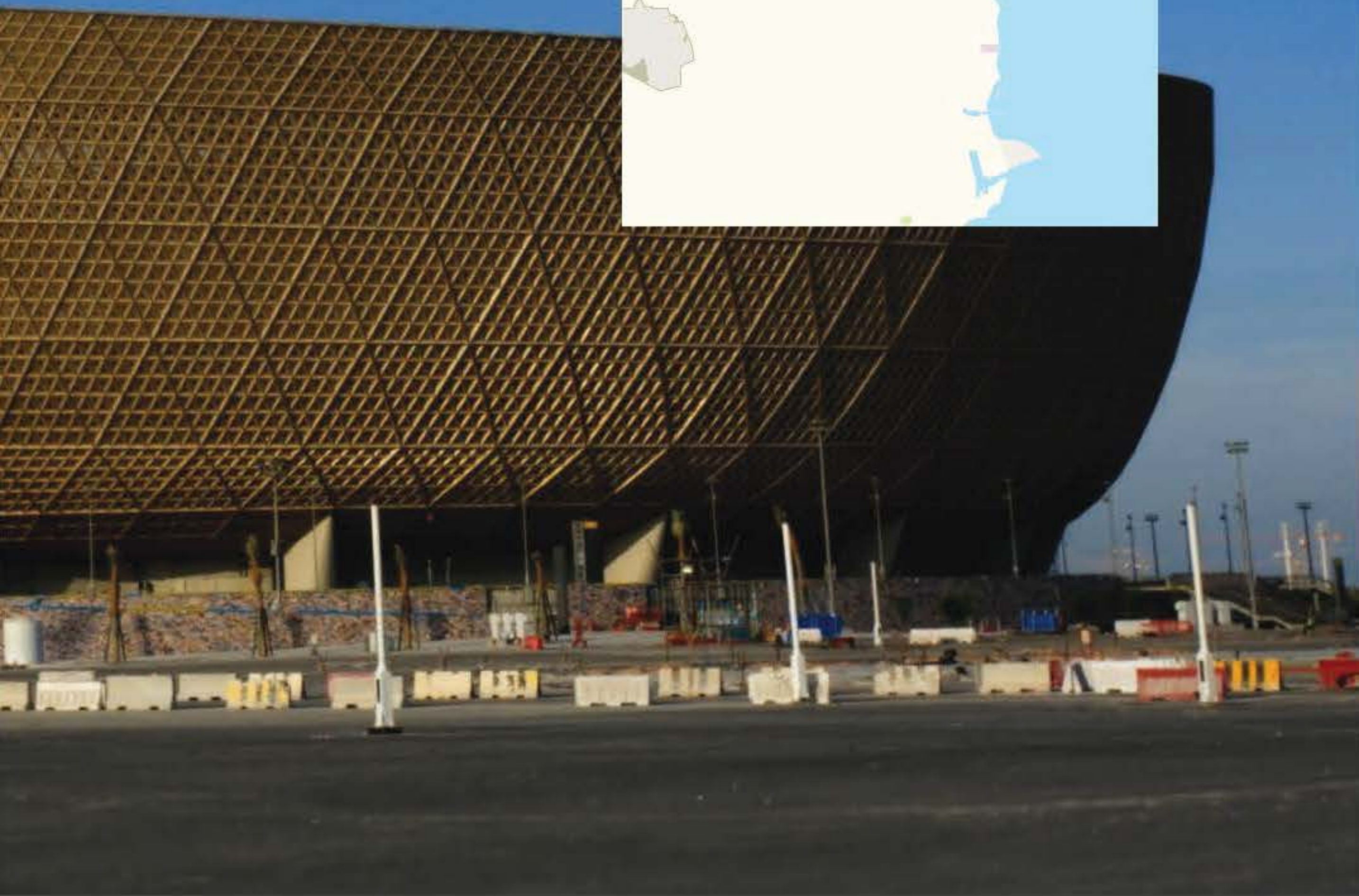
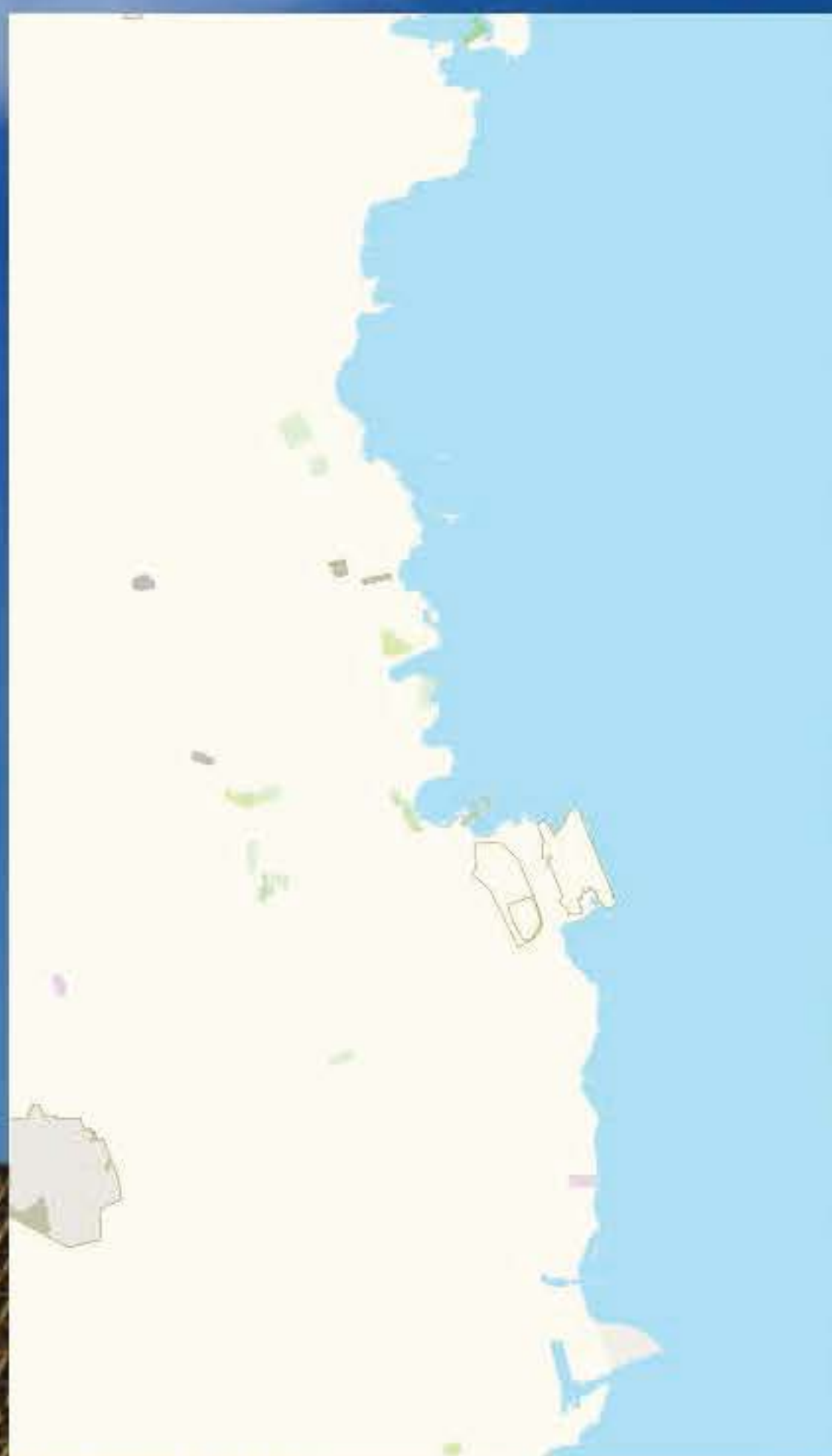
Seus feitos já entraram para a história do esporte espanhol. Foi a primeira Bola de Ouro para um atleta do país desde Luis Suárez Miramontes, também ídolo do Barça, em 1960. Não à toa, Putellas, que tem contratos publicitários com gigantes como Visa, Allianz e Nike, é figura constante em capas de revistas na Europa. Fora dos campos, ela tem sido uma voz ruidosa na luta pelo fim do preconceito contra o futebol feminino.

"Acreditem nelas. Todos temos a responsabilidade de fazer o possível para que as meninas tenham a oportunidade de ser jogadoras de futebol, não importa de onde venham, onde nasceram, a cor de sua pele", disse em seu discurso ao receber a Bola de Ouro. Ela não só ajuda projetos sociais como criou o Alexia Putellas International Camp, apoiada pelo departamento feminino do Barcelona. "Nossa geração tem de dar um passo à frente para que o futebol feminino se desenvolva mais rápido", afirma. Don Jaume estaria orgulhoso dela dentro e fora de campo. Alexia tem ainda muita estrada pela frente. ■

# ARENAS DAS ARÁBIAS

A arquitetura espetacular dos estádios do Catar é um modo de esconder o lado feio do país: os maus-tratos aos operários e o preconceito inaceitável contra os homossexuais

| ESTÁDIO LUSAIL |
| --- |
| **Doha** |
| **80 000 pessoas** |
| 6 jogos da fase de grupos |
| 1 jogo das oitavas |
| 1 jogo das quartas |
| 1 semifinal |
| final |

Antes de a bola rolar na Copa do Mundo do Catar, entre 21 de novembro e 18 de dezembro, pela primeira vez no fim de ano, para evitar o calor do Oriente Médio, muito se falará de alguns absurdos inaceitáveis impostos pelo emirado absolutista. O país sofre rejeição internacional devido ao histórico de infração dos direitos humanos, especialmente em relação às condições de trabalho de mais de 24 000 profissionais que lidaram com a construção das arenas. Há denúncias de exploração indevida.

O outro ponto tenebroso é o fato de a homossexualidade ser crime previsto por lei. Nasser Al-Khater, presidente do comitê organizador, garantiu que a comunidade LGBTQIA+ será bem-vinda, mas deve se adequar aos costumes locais. "Eles poderão fazer o que qualquer outro ser humano faria", disse. "As demonstrações de afeto são desaprovadas e isso se aplica a todos os torcedores." Há uma única unanimidade favorável, como se ela fosse capaz de esconder a sujeira: a beleza da arquitetura dos estádios, construídos por mais de 6,5 bilhões de dólares.

FOTOS PIER GIAVELLI/BESTPHOTOAGENCY

ESTÁDIO AHMAD BIN ALI

Em **Al Rayyan,** 12 km a oeste de Doha

**40 000 pessoas**

6 jogos da fase de grupos

1 jogo das oitavas

ESTÁDIO EDUCATION CITY

Em **Al Rayyan,** 12 km a oeste de Doha

**40 000 pessoas**

6 jogos da fase de grupos

1 jogo das oitavas

1 jogo das quartas

**ESTÁDIO KHALIFA INT.**

**Doha**

**45000 pessoas**

6 jogos da fase de grupos

1 jogo das oitavas

disputa do terceiro lugar

FOTOS PIER GIAVELLI/BESTPHOTOAGENCY

**ESTÁDIO AL THUMAMA**

**Doha**

**40 000 pessoas**

6 jogos da fase de grupos

1 jogo das oitavas

1 jogo das quartas

**ESTÁDIO AL JANOUB**

Em **Al Wakrah,** 20 km ao sul de Doha

**40 000 pessoas**

6 jogos da fase de grupos

1 jogo das oitavas

ESTÁDIO AL BAYT

Em **Al Khor,** 51 km ao norte de Doha

**60 000 pessoas**

6 jogos da fase de grupos

1 jogo das oitavas

1 jogo das quartas

1 semifinal

FOTOS PIER GIAVELLI/BESTPHOTOAGENCY

ESTÁDIO 974

**Doha**

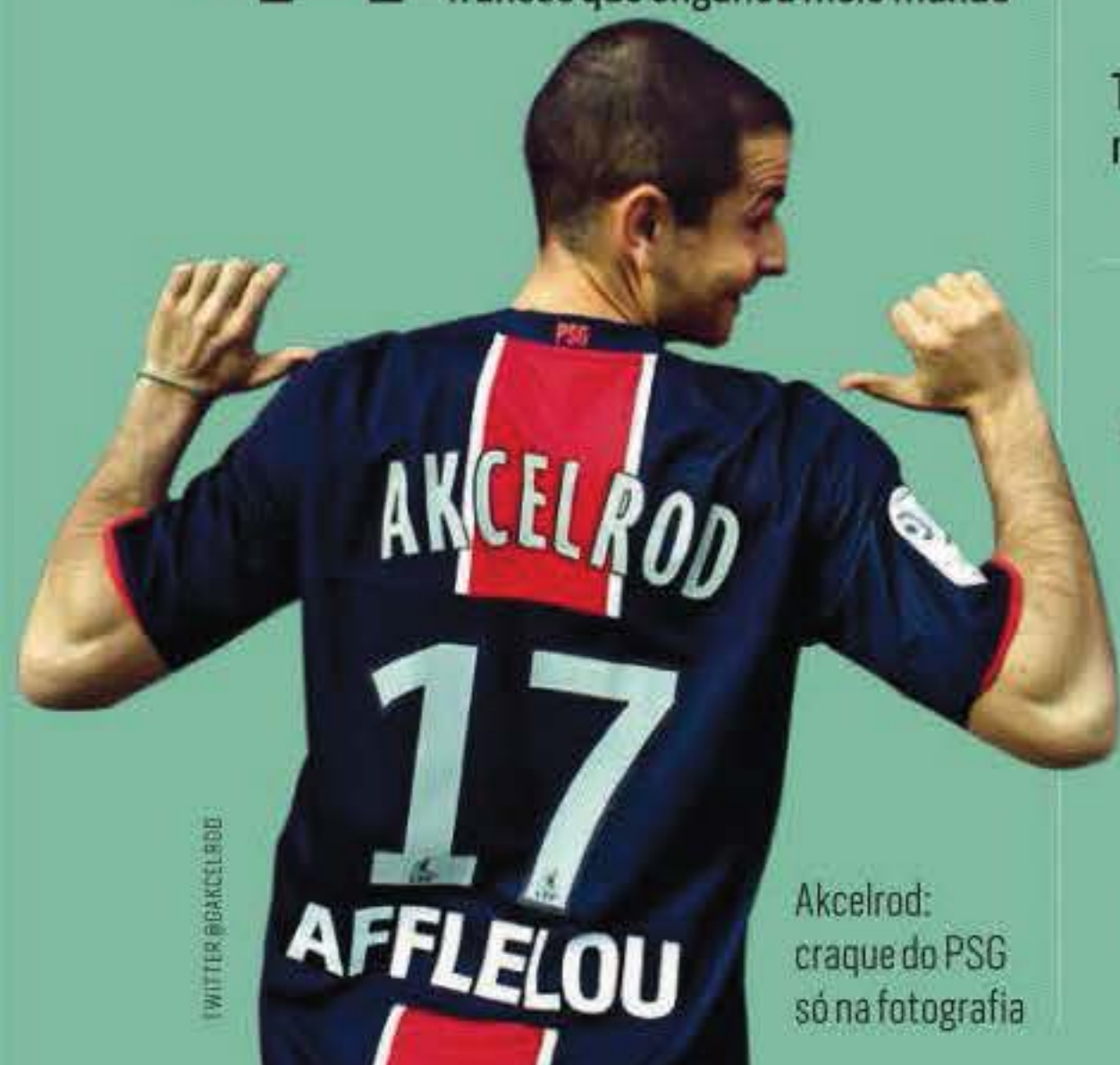
**40 000 pessoas**

6 jogos da fase de grupos

1 jogo das oitavas

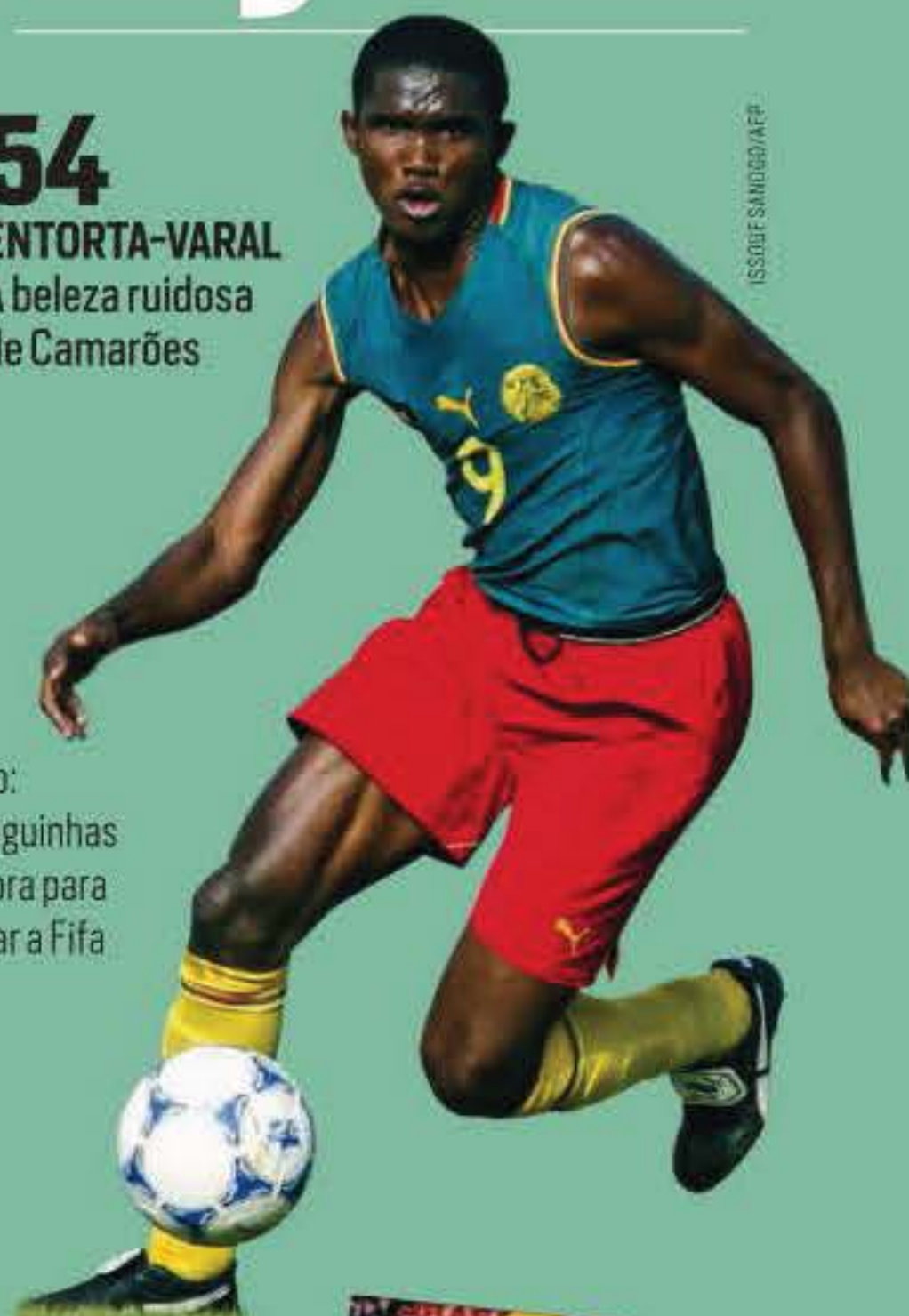
**EDIÇÃO:** GABRIEL PILLAR GROSSI

# PRORROGAÇÃO

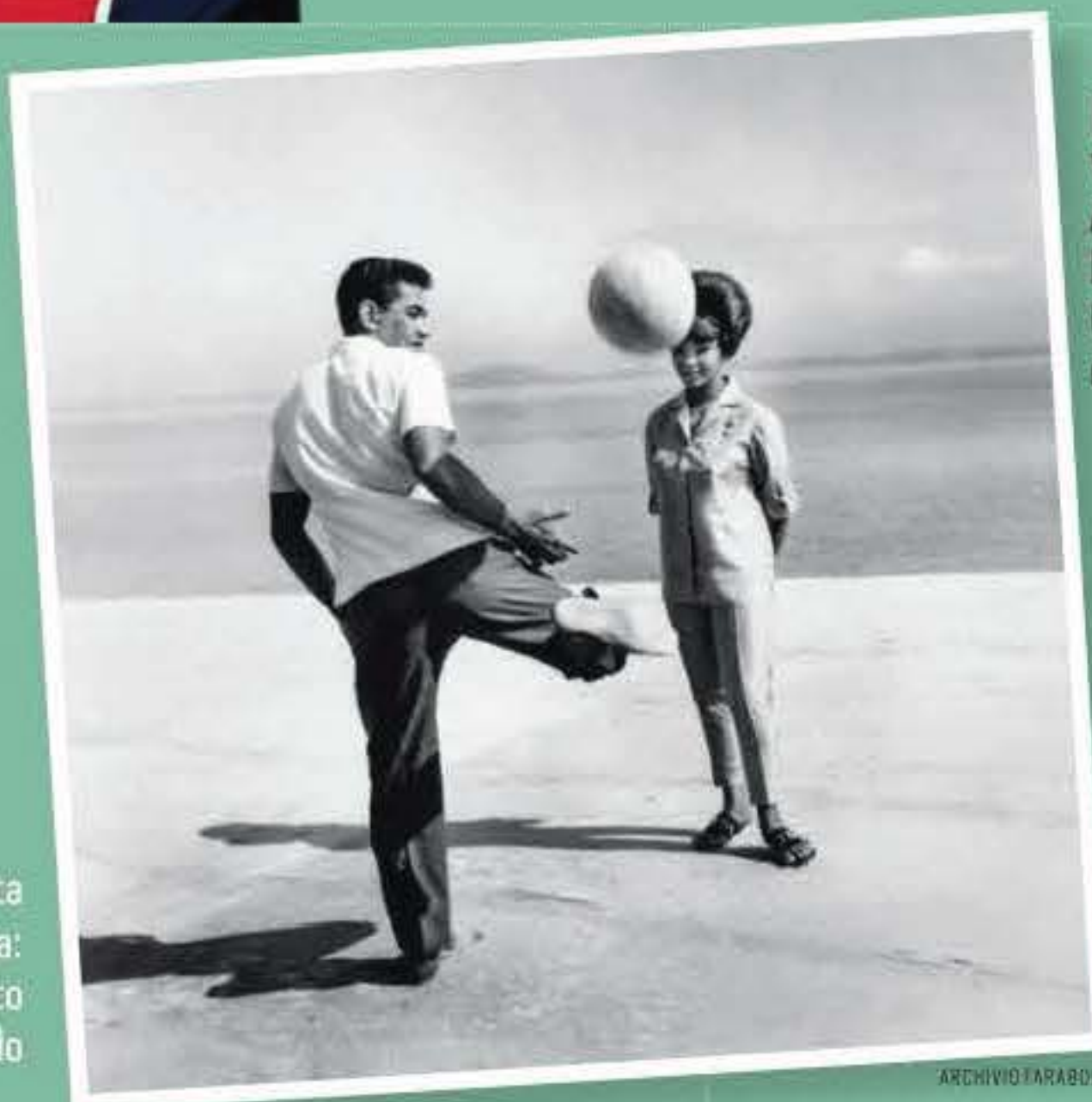
## CULTURA, MEMÓRIA & IDEIAS



TWITTER @AKCELROD

Akcelrod: craque do PSG só na fotografia

ISSOUF SANOGO/AFP

Eto'o: manguinhas de fora para irritar a Fifa



ARCHIVIO FARABOLA

A sambista e Garrincha: casamento conturbado



Focinho: o bom humor é sempre a melhor saída

# QUEM QUISER QU

A ascensão e queda de um admirável e corajoso francês que se passou por craque de futebol e quase jogou a Champions League por um time da Bulgária. Ou, como ele prefere definir: a trajetória de um sonhador para quem tudo é possível na vida

**Fábio Altman**

"A incrível farsa de um verdadeiro jogador de futebol falso." Como não se interessar por uma história com essa chamada, publicada pela revista francesa *L'Express?* Cheguei a ela, depois de alguns poucos cliques, ao ler no site da *Panenka,* coirmã espanhola de PLACAR, uma reportagem com título também atraente: "O jogador que nunca existiu". E mais: "Contamos aqui a ascensão e queda de um admirável mentiroso". Bem-vindo à trajetória de Grégoire Akcelrod, feita de sombras e mistérios. Não foi difícil encontrá-lo, ao contrário. Bastou uma mensagem no LinkedIn e no dia seguinte já tinha o contato do personagem. "Bom dia, me chame pelo WhatsApp e conversamos, com todo o prazer", foi a resposta. Grégoire — Greg, como o chamam, sei agora — atendeu minha chamada por vídeo, na véspera do ano-novo, ao volante de um carro que cortava uma das estradas de Ordino, pequena cidade no noroeste do principado de Andorra. Nevava barbaridade. Achei estranho que ele decidisse dar entrevista enquanto dirigia, mas logo intuí que sua saga estava na ponta da língua, tão nítida, tão evidente, tão pessoal, que não seria complicado assobiar e chupar cana simultaneamente.

Como eu já tinha lido o que será narrado nas próximas páginas, por saber que muitos o acusaram de golpista, comecei e acabei a conversa um tanto desconfiado — seria verdade o que ele me contara? Comecemos pelo fim. Greg terminou dizendo que sua vida estava prestes a virar um documentário, pelas mãos de uma produtora brasileira que vive há quinze anos em Los Angeles e recentemente trabalhou em um longa em torno da biografia conturbada de Ronaldinho Gaúcho. Ele mesmo disse que seria a cereja no bolo para uma publicação do Brasil. "Ah, tá", pensei com meus botões. "Deve ser parte da mitomania de um sujeito que fez o que fez, só pode ser cascata."

Não haveria produtora, filme, coisa nenhuma. Mas não. Aline Andrade, a produtora, existe, está no IMDb. "Me apaixonei pelo relato do Greg, um cara com coragem de enfrentar tudo para alcançar seus anseios", disse Aline ao telefone, horas depois. "É um tema de interesse universal, dará um filme muito bom, tenho certeza". Eu, que saíra da conversa com Greg ressabiado, desconfiado de tudo o que ele me contou porque no fim lançou uma fábula de cinema, percebi que tinha esbarrado numa peripécia folhetinesca aparentemente real. O tal documentário não era lorota. O quixotismo de Greg é fascinante, como se lerá aqui — mas, antes, é bom lembrar de um outro detalhe, lá no meio do bate-papo,

A foto na loja do PSG que serviu de prova do que dizia: um plano

TWITTER @GAKCELROD

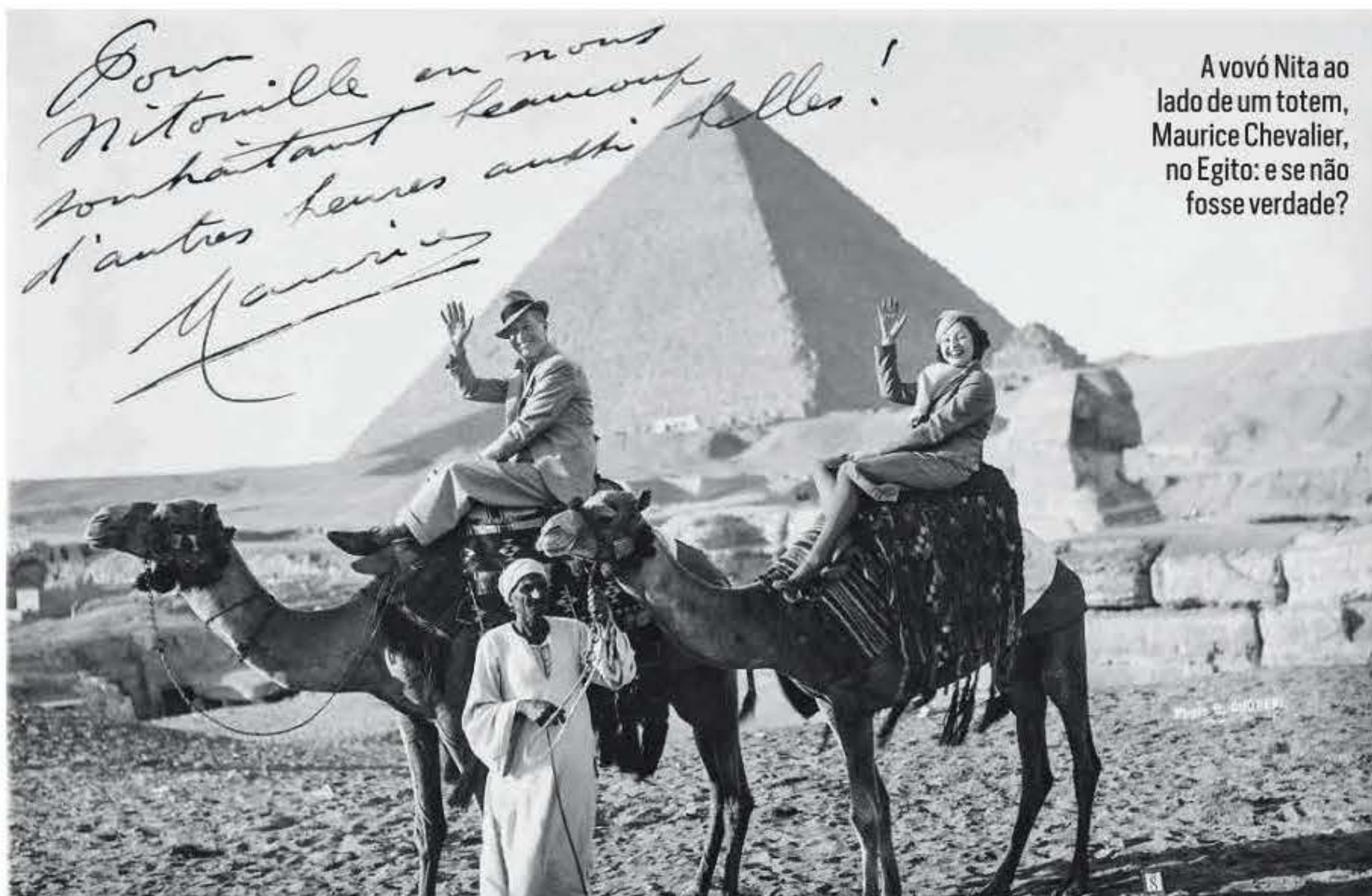
# JE CONTE OUTRA

que soou inverossímil. Tão improvável que daria coisa de cinema.

Foi assim: Greg lembra que o ombro amigo a salvá-lo dos momentos de profunda tristeza, quando tudo parecia dar errado, na infância e adolescência, foi a avó paterna. Raïssa nasceu em 1915, na Moldávia, e, aos 11 anos, migrou com os pais para a França. Ela morava em um bairro elegante e caríssimo de Paris, aos pés da Torre Eiffel. Raïssa era o nome de batismo, mas ficou conhecida como Nita Raya, bonita e exímia dançarina. Entre 1937 e 1946, durante a II Guerra Mundial, conta o neto, ela foi casada com o amor de sua vida, Maurice, até se divorciarem. Até aí, nada de mais. Mas Maurice, o Maurice da vovó Nita, era ninguém menos do que Maurice Chevalier, um dos grandes ícones da canção francesa. Ele faz parte do imaginário popular do país, um totem como poucos, apesar das evidências de colaboracionismo — ou conivência — com os nazistas durante a República de Vichy. Além de cantar, Chevalier era excelente ator e humorista. Tornou popular uma frase que depois seria atribuída a ele, mas muito certamente tem origem paisana, joia de ironia francesa: "Envelhecer não é tão ruim assim quando se pensa nas alternativas". Ele morreu em 1972, aos 83 anos.

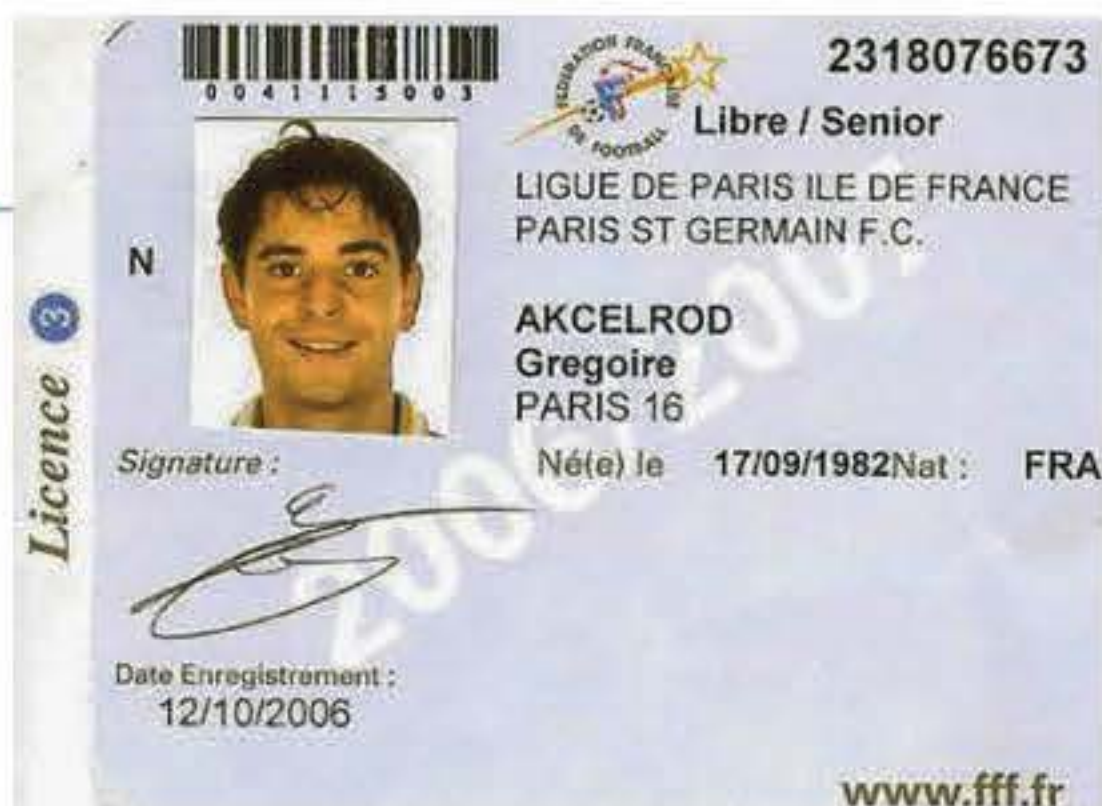
Mas será mesmo que o impossível Greg, o jogador que nunca existiu, o admirável mentiroso, teve uma avó casada com Chevalier? E se for mentira? Socorro, Google! Bastaram minutos de pesquisa, enquanto ouvia a gravação do relato de Greg, para descobrir a paixão de

A vovó Nita ao lado de um totem, Maurice Chevalier, no Egito: e se não fosse verdade?

ARQUIVO PESSOAL

Nita Raya e Maurice Chevalier e confirmar o parentesco. Numa das fotos, que ajuda a ilustrar estas páginas, o casal aparece no Egito, diante das pirâmides. Há diversos outros registros. Eles existiram. Greg parecia não estar fabulando.

Tudo somado, se a possibilidade de um documentário é real, se a avó teve a vida que teve, por que não acreditar no relato do homem que foi parar nas manchetes como farsante? "Nunca fui farsante, não tirei dinheiro de ninguém, paguei tudo do meu próprio bolso", responde. "Apenas quis provar que todos os sonhos são possíveis e a resiliência é uma das grandes características do ser humano." Estabelecido o imenso introito, atravessado o que no jornalismo chamamos de nariz de cera, e certo de que o nariz de Greg não crescerá como o de Pinóquio, é hora de contar a história do rapaz, hoje com 39 anos. Era uma vez...

Era uma vez um menino de pouco mais de 10 anos, no início dos anos 1990, que queria virar jogador de futebol. Via Platini, Zidane no início de carreira, e pretendia ser como eles. Para a idade, ia razoavelmente bem, à revelia dos pais, que o mantinham fora do chão batido, das quadras, dos gramados. Na primeira vez que o pai foi vê-lo em campo, 4 a 0 para o adversário e um desempenho apenas mediano. No carro, depois do silêncio constrangedor e suado, o comentário paterno soou como uma pequena morte: "Senti vergonha de você. Você nunca mais vai jogar futebol, não foi feito para isso". Greg foi obrigado a parar de correr atrás de uma bola, pelo menos até os 18 anos. Confessou suas ambições para a avó e, no internato a que fora enviado, começou a subir a ladeira. Batia bola com os amigos, foi melhorando, cresceu. Conseguiu espaço em clubes pequenos, de terceira ou quarta divisões, sem salário nem contrato. Em todos ia apenas medianamente bem como zagueiro central, e terminava excluído. Aos 21 anos, trabalhava numa lanchonete McDonald's e, por meio de um amigo, conseguiu fazer um teste nas divisões inferiores do PSG. Logo percebeu que não teria futuro e começou a tramar um plano. Era 2003, em um mundo que começava a viver dentro da internet.

Aproveitando o acesso ao Parque dos Príncipes, por jogar na quinta equipe do clube, e com a ajuda de uma amiga, foi à loja do estádio, comprou uma camiseta e nela mandou colocar seu sobrenome, Ackcelrod. Fez uma foto e a guardou. Em casa, abriu o site oficial de Ronaldo, o Fenômeno, então Ronaldinho, e inspirado nele criou seu próprio perfil. Inventou qualidades, escondeu defeitos e nascia ali um craque artificial. Co-

**A carteirinha de 2006, aos 24 anos, da Liga Francesa: "Amador, sim, mas não entre profissionais"**

FOTOS ARQUIVO PESSOAL

**O site inspirado na página eletrônica de Ronaldo: o começo de toda a fabulação**

piou um texto do jornal esportivo *L'Equipe* sobre Nicolas Anelka e simplesmente trocou o nome do craque pelo seu. Ficou assim: "O Arsenal da Inglaterra pretende contratar Grégoire Akcelrod, um jovem francês de 17 anos na próxima janela de transferências". Conseguiu ainda espaço em agremiações menores, mas se aperfeiçoou mesmo em lidar com o blog pessoal e com o CV que começou a distribuir para diversos clubes e agentes. Pedia uma chance.

Grandes esquadrões como o Arsenal e o Chelsea nem responderam, mas conseguiu entrar nas peneiras em Bournemouth e Norwich. Num dos treinos, voou para alcançar uma bola lançada na área e caiu quase desmaiado depois de a pelota lhe atingir em cheio o rosto. Riram. Foi afastado. E seguia na busca eletrônica. Chegou até a rechaçar proposta de um time de Luxemburgo, dizendo ser pequeno demais para suas qualidades. "O CV abria portas, muitos me chamavam mesmo sem pedir vídeos", lembra. "Foi fácil."

Insistiu, diz ter passado por dezenove países em cinco continentes, ora levado por agentes que caíram na lorota, ora indo diretamente, na cara e na coragem. Punha a mochila nas costas e se mandava. O destino final era sempre o mesmo: "Você não se encaixa, numa equipe amadora até rolaria, não entre os profissionais". Mas não baixou a guarda, nunca. Seguiu enviando e-mails e disparando telefonemas. Até que, em 2006, o CSKA de Sófia, na Bulgária, o chamou. Ofereceram-lhe, antes mesmo de vê-lo em ação, um contrato de três anos. Chegou a tirar fotos com a camisa oficial da equipe, que disputaria a fase de grupos da Champions League. Vencera, enfim. Na base de informações falsas, de um currículo evidentemente artificial, chegara ao sonho de infância — graças à vovó Nita, que o ninara depois que o pai o ignorou. Mas, então, um torcedor do CSKA, ao conversar em um fórum de fãs, lançou a pergunta que o desmascararia: "Vocês que são torcedores do PSG, conhecem Grégoire Akcelrod? Foi uma boa aquisição?". Evidentemente, ninguém jamais ouvira falar nele. Rapidamente, o castelo desmoronou, chegou às páginas da imprensa búlgara e, em seguida, às manchetes francesas. Daquele modo: "A incrível farsa de um verdadeiro jogador de futebol falso".

Ele ainda tentou o Kuwait, a Grécia e o Canadá, mas não vingou. Enganava uns, outros não. Aí parou. Queria provar o quê, além da permanente ideia de buscar os sonhos? "Que a vida é um jogo", diz. "E que não podemos ter medo de viver." Hoje, trabalha como agente de jogadores, tenta ajudá-los a seguir a carreira que ele não alcançou. Escreveu um livro — *Pro à Tout Prix* (Profissional a Todo Custo), no qual narra seu périplo. Acha que sua história rende, sim, o documentário que será feito, mas sabe que pode também servir como denúncia de um modo de gerir o futebol, montado em falsas promessas e dinheiro, muito dinheiro. "Se por ventura um jogador como o Messi se apresentasse sozinho a qualquer clube grande, nunca seria contratado", diz. "Mas se tivesse um agente, e todas as partes saíssem ganhando alguma coisa, aí, sim, abriria as portas. É cruel, mas funciona desse modo." Greg atravessou a vida querendo provar ao pai que aquela frase dita no carro — "Senti vergonha de você" — não o impediria de tocar em frente. Ou, como disse Albert Camus, goleiro na juventude: "Tudo o que eu mais sei sobre a moral e as obrigações dos homens eu devo ao futebol". ■

## ESTE É O PIOR TIME DO BRASIL

**Não, eles não se ofendem. Há muito tempo seus jogadores e dirigentes admitem a fraqueza desta equipe que venceu apenas um jogo desde 1979, levando 258 gols e marcando apenas 21**

Não existe lei de acesso no Campeonato Pernambucano — e só isso explica o fato de o Íbis continuar lá, ano após ano, apanhando sempre e fazendo a delícia dos atacantes adversários, a ponto de alguém já ter sugerido que gol contra ele não devia valer na eleição do artilheiro. São goleadas para ninguém botar defeito: de 1973 até hoje, os três grandes do Estado — Náutico, Sport e Santa Cruz — lhe aplicaram nada menos que três 6 x 0, dois 7 x 0, um 8 x 0, dois 8 x 1, dois 9 x 0, dois 10 x 0, dois 11 x 0 e dois 13 x 0!

Pobre Íbis. Perde tanto que já ganhou até fama internacional, sendo citado numa reportagem sobre os "sacos de pancada do futebol", publicada pelo jornal japonês *The Daily Yomiuri* em agosto de 1981 — e reproduzida, no inglês original, pelo *Jornal do Commercio* de Recife. Em seu currículo, há recordes para encher meio *Guiness*: de 1979 até a semana passada, o Íbis jogou 62 partidas, perdendo 54 e vencendo... uma! Tomou 258 gols... e marcou 21. Em 1979, uma safra especialmente ruim, fez apenas um gol — e foi um gol contra, marcado pelo zagueiro Cícero, do Sport, que ainda venceu por 8 x 1.

"Quando encostam os franzinos num canto, os valentões ficam mais valentes ainda", conforma-se o ferroviário aposentado João Martins, 53 anos, dono de uma pequena serralheria e uma modesta lanchonete. Ele é o técnico do Íbis, que treina todas as noites no campo de um colégio, pois não tem estádio — e sabe que não pode exigir muito mais de seus "atletas", pois todos têm outros empregos ou afazeres durante o dia, já que seus contratos com o clube (na base do salário mínimo regional de 30 600 cruzeiros) valem apenas para oficializar o "profissionalismo" obrigatório junto à Federação.

Na verdade, são amadores. "Até hoje só recebi 5 000 cruzeiros", confessa o zagueiro-central Canito, 29 anos, serralheiro. O Íbis tem ainda donos de lanchonete, estudantes, motoristas, um soldado da PM e um investigador de polícia.

Nos dias de jogo, eles chegam por conta própria ao estádio, onde sempre os espera na porta o técnico, que todos chamam de João Grandão. Atrás deles vem geralmente a Kombi da escola de propriedade de seu presidente, Ozir José Vieira Ramos, dono também de uma gráfica na vizinha Olinda, onde mora. Júnior, filho de Ozir e atualmente fora do time por contusão, é quem dirige a perua, que traz os uniformes e chuteiras — guardados na residência do cartola, pois o Íbis não tem sede.

Na verdade, o Íbis *é* Ozir Ramos, filho de um de seus fundadores, Onildo Ramos, e que rasgou o ofício em que o presidente da Tecelagem de Seda e Algodão de Pernambuco (*veja quadro*) pedia a desfiliação do clube da Federação, no final da década de 50. "Nasci e fui criado dentro do Íbis, não podia deixá-lo morrer", relembra Ozir, 49 anos, com orgulho. Desde então, ele dirige o clube, ajudado por seus filhos Júnior e Omar — respectivamente vice-presidente e presidente do conselho deliberativo (que de vez em quando se reúne), além de jogadores.

Em campo, o pobre Íbis se esforça, inutilmente. Sua última vitória aconteceu dia 20 de julho de 1980 (1 x 0 contra o Ferroviário), e seus jogadores não conseguem ganhar o bicho de 200 000 cruzeiros — para ser dividido entre todos, é bom lembrar — prometido em caso de vitória pelo industrial Amaury Gomes, do Café Soberano, nome que aparece nas camisas da equipe.

O time é tão ruim que, em meio a tantas goleadas, seu vazadíssimo goleiro Jorge Luís, 29 anos e dono de uma barraca de lanches, vem sendo considerado o melhor jogador, ao lado do ponta-direita Fael, 22. Depois da derrota por 10 x 0 diante do Náutico, dia 8 de junho passado, Jorge Luís sorria: "Tomei dez. Mas evitei outros dez", alegrava-se o goleiro, que chegou perto do indesejável recorde de Eudes, 27 anos, que no dia 11 de outubro de 1978 levou todos os 13 gols na derrota por 13 x 0 diante do Santa Cruz. Naquele dia, também Eudes foi cumprimentado: defendeu dois pênaltis!

Como um boxeador que teima em não aceitar o nocaute, o Íbis apanha — mas não morre. E comemora com festa cada pequena alegria, como o empate por 2 x 2 arrancado frente o América, dia 13 deste mês. O bicho de 200 000 só viria em caso de vitória, mas Amaury resolveu dar 100 000 cruzeiros pelo empate. Feitas as contas, couberam 4 000 cruzeiros para cada um, e o zagueiro Canito achou logo um destino para sua cota: "Saí do trabalho direto para o jogo, nem pude fazer um lanche. Com esse bicho, vou poder jantar e tomar uma cervejinha".

Saúde, Íbis.

Por LENIVALDO ARAGÃO

Em pé: Vieira, Jorge Luís, Robson, Omar, Canito, Amaral e Gumercindo; agachados: Lúcio, Vicente, Fael, Aluísio e Nazinho. Abaixo, Júnior, Ozir e Omar

A solitária torcida de Chico do Táxi (abaixo), fã do Íbis há 41 anos. Em campo (à esquerda), a luta sempre inútil

A preleção do técnico João Grandão (abaixo) no intervalo: pedindo uma vitória que não se repete desde 1980

### ...MAS HOUVE TEMPOS MELHORES

*Fundado no dia 15 de novembro de 1938 por funcionários da Tecelagem de Seda e Algodão de Pernambuco, o Íbis (cujo nome vem de uma ave pernalta adorada pelos antigos egípcios, e que era o símbolo da fábrica) já viveu dias melhores.*

*Até a década de 60, o time recebia uma subvenção da empresa e contribuições mensais de seus 2 000 operários. Foi então que Romeu Valente de Queiroz, que não gostava de futebol e era filho do dono da indústria, retirou todo o apoio.*

*Começou ali a decadência, acompanhada com tristeza por Francisco Imperiano Filho, hoje com 60 anos de idade e seu apaixonado torcedor desde 1942. Chico do Táxi, como é chamado, sabe de cor o ataque onde formava o valoroso Bodinho, que depois se destacaria no sul, é capaz de recitar a escalação com que o Íbis venceu o Santa Cruz por 1 x 0 em 1964 e goleou o Central de Caruaru por 4 x 0. Lembra-se da vitória de 1 x 0 sobre o Sport, em 1970, e da glória de ter tido em suas fileiras dois futuros craques: o centroavante bicampeão mundial Vavá, em 1950/51, e o lateral-esquerdo da Seleção Brasileira de 1966, Rildo, que passou por lá em 1959.*

60 PLACAR

PLACAR 61



A reportagem inaugural da boa má fama: profecia em torno de um time que, desde o ano anterior, vencera um único jogo de futebol

# OS ÚLTIMOS SERÃO OS PRIMEIROS

Há 39 anos, PLACAR cravou: "Este é o pior time do Brasil". Hoje, o Íbis pernambucano celebra a volta à primeira divisão do Campeonato Pernambucano, se orgulha de ser o pior do mundo e faz sucesso nas redes sociais com muita zoeira e deboche

**Gabriel Pillar Grossi**

Em julho de 1983, PLACAR custava 500 cruzeiros e trouxe na capa os atacantes Serginho e Casagrande "chamando" os torcedores para o duelo entre Santos e Corinthians, marcado para o domingo seguinte. Quase no final da revista, uma reportagem assinada por Lenivaldo Aragão ficaria marcada pelo tom algo profético. "Este é o pior time do Brasil" era o título. Em seguida, a revista garantia que os jogadores "não se ofendem e admitem a fraqueza dessa equipe que só venceu um jogo desde 1979". O que ninguém sabia é que o Íbis Sport Club, da cidade pernambucana de Paulista, a 16 quilômetros do Recife, ficaria mais um ano sem conquistar uma vitória sequer. O jejum, iniciado em 20 de julho de 1980, quando bateu o Ferroviário por 1 a 0, só acabou em 17 de junho de 1984, ao superar o Santo Amaro por 3 a 1.

A inusitada marca — três anos e onze meses só empatando e per-

## DA ARTE DE RIR DE SI MESMO

**Desde o início da pandemia, o Íbis vem se destacando pelo uso criativo e inteligente do Twitter. Na rede social, suas postagens são sempre bem-humoradas e debochadas, no melhor estilo da zoeira. Veja a seguir alguns dos melhores tuítes do @ibismania.**

Depois que o Real Madrid perdeu para o Sheriff, da Moldávia, jogando em casa

Na campanha que culminou com o acesso à série A1 do Campeonato Pernambucano, no ano passado

Parabéns @Gremio

SÉRIE B 2022
CLASSIFICADO

No dia em que o Grêmio foi rebaixado para a Série B do Brasileirão

Ah, Coringão



dendo — rendeu uma menção no *Guinness Book* e a equipe pernambucana foi "promovida" a pior time do mundo. Na época da reportagem original, PLACAR explicou que o Íbis só permanecia como saco de pancadas porque não havia rebaixamento no torneio estadual. O clube era claramente amador e todos os titulares exerciam outras atividades: "serralheiro, donos de bar, estudantes, motoristas, um soldado da PM e um investigador de polícia". Eles participavam do campeonato porque tinham contratos (um salário mínimo para cada um), o que atendia às exigências da federação.

Acompanhe a descrição da revista: "Nos dias de jogo, eles chegam por conta própria ao estádio, onde sempre os espera na porta o técnico João Martins, ferroviário aposentado de 53 anos que todos chamam de João Grandão. Atrás deles vem geralmente a Kombi da escola, de propriedade de seu presidente, Ozir José Vieira Ramos, dono também de uma gráfica na vizinha Olinda, onde mora. Júnior, filho de Ozir e atualmente fora do time por contusão, é quem dirige a perua, que traz os uniformes e chuteiras — guardados na residência do cartola, pois o Íbis não tem sede."

Quatro décadas se passaram e a fama do clube, fundado em 1938 por funcionários da Tecelagem de Seda e Algodão de Pernambuco, tendo como nome o da ave adorada pelos antigos egípcios que era o símbolo da fábrica, só cresceu. Entre 1987 e 1990, o dono da camisa 10 do Pássaro Preto logo se tornou conhecido nacionalmente pela vasta cabeleira: Mauro Shampoo é considerado até hoje o maior jogador da história do Íbis *(leia mais no quadro da página 50)*. O escrete rubro-negro ainda permaneceu na A1 local até 1994, quando foi rebaixado. Voltou a disputar a elite em 2000, mas caiu novamente no mesmo ano.

Condenado ao ostracismo, na segunda divisão estadual, permaneceu vivo na memória dos amantes do futebol. Em 2006, Paulo Henrique Fontenelle e Leonardo Cunha Lima finalizaram o curta-metragem (22 minutos de duração) *Mauro Shampoo — Jogador, Cabeleireiro e Homem*. Quatro anos depois, Israel Leal da Silva lançou *O Voo do Pássaro Preto — A História do Íbis, o Pior Time do Mundo*. Na Amazon, o livro, de 140 páginas, é vendido por 99,90 reais, mais o frete. E em 2017, o historiador Luiz Antonio Simas publicou *Ode a Mauro Shampoo e Outras Histórias da Várzea*, com aventuras curiosas do mundo da bola. Antes disso, em

2009, o clube abriu uma conta no Twitter (@ibismania). Surfando a onda de zoeira e deboche, os responsáveis pelas postagens anunciam, logo na página inicial: "Perfil oficial do pior time do mundo". Até que, na pandemia, a zoeira estourou de vez. Em 2020, um levantamento da empresa de marketing Sports Value colocou o Íbis como o quarto clube do mundo mais eficiente no Twitter, atrás apenas de Arsenal, Chelsea e Manchester United. O engajamento chegou a mais de 11 000 interações por tuíte — sempre graças à ironia. Além de tirar sarro do próprio (mau) desempenho do time, a conta passou a zoar os gigantes que caem feio. "Gostei do estilo de jogo do Barcelona. Vou copiar", publicou após o time catalão ser goleado pelo Bayern de Munique na Liga dos Campeões. "Aprende a perder", disparou após Jorge Jesus dizer que "Fluminense jogou para não perder", quando bateu o Flamengo na final da Taça Rio *(leia mais no quadro da pág. 49).*

Em 30 de junho, último dia do contrato de Lionel Messi com o Barcelona, o @ibismania anunciou as condições para que o craque argentino viesse jogar em Paulista: não pode fazer muitos gols, não pode ser campeão e não pode usar a 10 ("Es do Mauro Shampoo", diz o texto, que mistura português e espanhol o tempo todo). Os jornais *Marca*, da Espanha, e *L'Équipe*, da França, escreveram sobre a proposta. Também o Real Madrid, quando perdeu para o Sheriff da Moldávia pela Champions, e o Corinthians, goleado pelo Peñarol na Sul-Americana, foram "celebrados" pelos tuítes do Íbis. O sucesso na rede social chamou a atenção da Betsson, um dos maiores grupos de jogos e apostas do mundo, que fechou, em junho do ano passado, um contrato de patrocínio e passou a estampar a marca BetssonFC (um de seus fantasy games) nas camisas rubro-negras. O acordo trouxe de volta à cena o maior personagem do clube: a família Ramos. Em 1983, PLACAR contou assim: "Na verdade, o Íbis é Ozir Ramos, filho de um de seus fundadores, Onildo Ramos, e que rasgou o ofício em que o presidente da Tecelagem de Seda e Algodão de Pernambuco pedia a desfiliação junto à Federação, no final da década de 1950. 'Nasci e fui criado dentro do Íbis, não podia deixá-lo morrer', relembra Ozir, 49 anos, com orgulho. Desde então, ele dirige o clube, ajudado por seus filhos Júnior e Omar — respectivamente vice-presidente e presidente do conselho deliberativo (que de vez em quando se reúne)".

O Júnior do texto é o atual presidente do Íbis. "Nós já estamos fazendo a divisão de bases, porque a Betsson está me proporcionando

# O REI DO SALÃO

A fenomenal trajetória do recifense **Mauro Shampoo,** que se orgulha de ter posto a bola na rede uma mísera vez em catorze anos de carreira

Nascido no Recife, em 12 de novembro de 1934, Vavá, o Peito de Aço, se consagrou como bicampeão mundial de futebol em 1958 e 1962, com nove gols marcados na Suécia e no Chile. Jogou pelo Íbis em 1948, ainda adolescente. Rildo, recifense de 23 de fevereiro de 1942, brilhou no Botafogo e no Santos e foi titular do time canarinho num dos três jogos da Copa de 1966, na Inglaterra. Vestiu o manto do Íbis em 1959. Mas no mundo do Pássaro Preto, ninguém é maior do que Mauro Shampoo.

INSTAGRAM @IBISMANIA

O mito: a lenda é maior do que a história

isso. Estamos fazendo ações sociais que a Betsson está promovendo, uma coisa que eu nunca fiz. Estou aqui emocionado. Meus jogadores estão todos vibrando, minha diretoria também. Tenho meia dúzia de diretores que me ajudam financeiramente e no que podem para manter o Íbis vivo. E com a Betsson, tenho certeza de que ele está mais vivo do que nunca!", exultou ele após assinar a histórica parceria, cujos valores são mantidos em sigilo.

Nada mau para o time, que, naquele começo dos anos 1980, tentava inutilmente vencer uma partida para poder "ganhar o bicho de 200 000 cruzeiros — para ser dividido entre todos, é bom lembrar — prometido em caso de vitória pelo industrial Amaury Gomes, do Café Soberano, nome que aparece nas camisas da equipe". Na ocasião, o repórter Lenivaldo Aragão relatou: "Como um boxeador que teima em não aceitar o nocaute, o Íbis apanha — mas não morre. E comemora com festa cada pequena alegria, como o empate por 2 a 2 arrancado frente ao América, dia 13 deste mês. Amaury resolveu dar 100 000 cruzeiros pelo feito: 4 000 cruzeiros para cada um, e o zagueiro Canito achou logo um destino para sua cota: 'Saí do trabalho direto para o jogo, nem pude fazer um lanche. Com esse bicho, vou poder jantar e tomar uma cervejinha'. Saúde, Íbis".

De volta para o futuro, o Íbis de 2021 anunciou, em outubro, o lançamento da própria marca de material esportivo, a Pássaro Preto (em parceria com um fornecedor de Santa Catarina). Até então, quem vestia os craques rubro-negros era a Erreà, marca italiana que assina os uniformes de Queens Park Rangers, Parma e das seleções de vôlei da Itália, da França e da Bélgica, entre outros. Na internet, a FutFanatics vende cinco versões dessa camisa: a número 1, vermelha e preta; a 2, branca; duas de goleiro e uma versão feminina).

Com os cofres bem mais cheios, ficou 310 dias invicto (acredite se quiser, quase um ano sem ser derrotado), terminou a A2 do Campeonato Pernambucano em segundo lugar e garantiu vaga na primeira divisão estadual depois de mais de vinte anos. No Twitter, a conquista foi celebrada com autoironia: "A lista de culpados por essa terrível fase vitoriosa é enorme, mas fizemos uma peneira para destacar alguns responsáveis por fazer do nosso inglorioso um time de algumas glórias". A torcida entrou no clima: "Vou cancelar meu sócio torcedor", escreveu um. "Devolva o meu Íbis" e "Time sem vergonha" foram outras reações ao acesso.

No passado, o Íbis conquistou o Torneio Início em 1948 e 1950 e o Torneio Incentivo em 1975 e 1976. Até hoje, sua melhor colocação no estadual é o quinto lugar (em quatro ocasiões). O sucesso recente traz junto um novo dilema. O pior time do mundo que se tornar um vencedor? O clube que foi um dos fundadores da Federação Pernambucana de Futebol reestreou na elite local no dia 22 de janeiro contra o Náutico — perdeu por 3 a 0, ainda bem. Até 3 de abril, quando termina o torneio, vai disputar seus jogos no Estádio Municipal Ademir Cunha, em Paulista, que tem capacidade para 10 000 torcedores. É ali que brilha a mascote Derrotinha — um íbis de bico vermelho com a camisa rubronegra. Entre a autenticidade e o bom humor das redes sociais e a possibilidade de começar a reescrever a própria história, só nos resta terminar este texto como PLACAR fez há quase quarenta anos: "Saúde, Íbis". ■

Também natural da capital de Pernambuco (20/11/1956), tinha atuado pelo Santo Amaro de 1976 a 1986. No ano seguinte, vestiu pela primeira vez a camisa 10 rubro-negra e é conhecido até hoje como o maior jogador da história do clube.

Mauro Teixeira Thorpe ficou no Íbis por quatro temporadas, até 1990. E garante ter feito, pelo clube, o único gol de seus catorze anos de carreira. "Mesmo assim dizem que foi contra", afirmou. "O goleiro deu rebote e a bola caiu na marca do pênalti. Fiz o gol e corri o estádio todinho. O estádio estava lotado... lotado de espaço vazio. Perdemos de 8 a 1, mas eu fiz um golaço. Não tem registro, por isso dizem que foi contra. Dói no coração. É o gol da minha vida." De fato, não tem registro mesmo. Em 2018, a Globo Nordeste procurou e não encontrou nada sobre o tal lance em jornais e súmulas. Como diria um velho jornalista, se a lenda é melhor do que a história, publique-se a lenda.

Depois de pendurar as chuteiras, ele abriu um salão no bairro de Boa Viagem, em Recife. Quando tocava o telefone, atendia com as seguintes palavras e a cara mais séria do mundo: "Jogador do Íbis, cabeleireiro e homem. O único no Brasil. Mauro Shampoo às suas ordens". Em 2012, foi candidato a vereador pelo DEM, mas não se elegeu. O cantor e compositor Oswaldo Montenegro compôs a balada *A Incrível História de Mauro Shampoo* em homenagem à incontornável figura. A torcida do Pássaro Preto nunca vai esquecê-lo.

# FESTA NO INTERIOR

Em 1986, a Inter de Limeira, treinada pelo ex-ponta-esquerda Pepe, quebrou um tabu de mais de oitenta anos para se tornar o primeiro clube campeão paulista sem ser de São Paulo ou de Santos

**Guilherme Azevedo**

O Campeonato Paulista é disputado desde 1902. Nas primeiras oito décadas, só o Americano e o Santos, ambos da cidade litorânea, conseguiram romper o domínio de clubes da capital. Até que, em 1986, pela primeira vez uma equipe do interior quebrou o tabu. A façanha foi realizada pela Internacional de Limeira.

O torneio daquele ano foi disputado por vinte times, que jogavam todos contra todos em dois turnos. No primeiro, deu Santos. No segundo, Inter. Na soma dos 38 jogos, a equipe de Limeira garantiu a melhor campanha geral, com dezoito vitórias, treze empates e sete derrotas — com direito a uma série invicta de dezessete partidas.

A Inter terminou dois pontos à frente do Palmeiras e três à frente do Corinthians, que se enfrentaram numa das semifinais. Na outra, jogaram justamente Inter *versus* Santos (que foi o último colocado no segundo turno e oitavo no geral, mas garantiu a vaga pelo título da primeira fase). Em baixa, o time santista não foi páreo para o Leão e perdeu as duas: 2 a 0 na Vila Belmiro e 2 a 1 no Limeirão. O Verdão derrotou o arquirrival alvinegro na prorrogação (depois que cada time venceu um jogo por 1 a 0).

As duas finais foram disputadas no Morumbi: mais de 100 000 torcedores acompanharam o 0 a 0 no domingo, 31 de agosto. Três dias depois, o público chegou a 78 764 pessoas. No primeiro tempo, nada de gol. Mas, logo aos 4 minutos da etapa final, o atacante Kita, artilheiro da competição, abriu o placar. No lance seguinte, Tato ampliou. O Palmeiras, que não disputava um título paulista desde 1976, foi com tudo para o ataque. Aos 29 minutos, Amarildo diminuiu após um escanteio. Kita ainda perdeu um gol incrível, depois de driblar o arqueiro Martorelli. O técnico da Inter, o ex-atacante do Santos José Macia, o Pepe, comemorou: "Venceu o melhor". O Leão ainda conquistou a Taça dos Campeões Estaduais Rio-São Paulo, ao bater o Flamengo. Desde então, só disputou a Copa do Brasil em 2018 (caiu na segunda fase) e garantiu o acesso à Primeira Divisão estadual no ano seguinte. Em 2021, terminou a competição em sétimo lugar. Só dois outros times interioranos ganharam o Paulistão até hoje: Bragantino e Ituano. ■

Kita *(de barba)* comemora o primeiro gol na final: o Leão no topo

SERGIO BEREZOVSKY

O Rei e Cejas celebram depois do erro: o troféu seria dividido entre as duas equipes

LEMYR MARTINS

# UMA EQUAÇÃO MATEMÁTICA

O juiz Armando Marques se atrapalhou na contagem da disputa de pênaltis e deu o título precoce ao Santos contra a Lusa, no Paulista de 1973. Fez isso para evitar que Pelé marcasse o gol da vitória?

**Fábio Altman**

Quem, com quase 10 anos de idade, se recusaria a acompanhar o Santos de Pelé no estádio? Mesmo torcendo para um Timão que, àquela altura, contava dezenove anos de fila. E lá fui eu, com meu pai e meus dois irmãos, um deles alvinegro praiano, ao Morumbi para a final do Campeonato Paulista de 1973 entre a turma do litoral e a Portuguesa de Enéas e Basílio — ah, Basílio, o Pé de Anjo, que quatro anos depois faria história, mas aí é outro capítulo. Lembro como se fosse hoje, não por algum prodígio de memória, mas porque ao longo de quase cinquenta anos aquela tarde e início de noite de 26 de agosto vêm sendo recuperados com insistência.

O jogo foi ruim, preso, extremamente cauteloso. Pelé pouco fez. Edu era mais perigoso. Na Lusa havia Enéas, capaz de em alguns momentos parecer dormir e em outros brilhar como muito poucos. Os noventa minutos e a prorrogação terminaram no zero. A decisão ficou para os pênaltis. O Santos bateu o primeiro e perdeu, com Zé Carlos, o lateral-esquerdo; a Portuguesa perdeu com Isidoro; o Santos marcou com Carlos Alberto; a Portuguesa voltou a perder, com Calegari; o Santos fez com Edu; a Portuguesa errou com Wilsinho. O próximo a bater seria Pelé, depois Brecha. O placar marcava, portanto, 2 a 0 para o time de branco. O juiz Armando Marques, lenda viva, não teve dúvida — fez os cálculos de cabeça, apontou para o meio de campo, e decretou o fim.

O Santos era o campeão. Se Pelé abraçava o goleiro Cejas (que pegou as três batidas), fim de papo. Mas não. A Lusa tinha ainda duas chances e poderia empatar, desde que os adversários errassem. Um cartola do Canindé sacou a bobagem e mandou o time descer para o vestiário. Saíram voando do Morumbi. "Nem banho nos deixaram tomar", lembraria Basílio. E não deu outra: aquele lance tristemente risível resultou no título dividido pelas duas agremiações. "Foi um erro de matemática", diria Armandinho. "Como ele não gostava do Santos e muito menos do Pelé, cuja estrela o ofuscava, teve pressa para não deixar que o Rei fizesse o gol do título", crava meu irmão santista, o Breno, que admite o desastre. "Foi o maior erro da história do futebol", resume. Foi mesmo. ■

NEAL SIMPSON/EMPICS/GETTY IMAGES

O truque das mangas pretas costuradas na regata: espanto na Copa de 2002

ISSOUF SANOGO/AFP

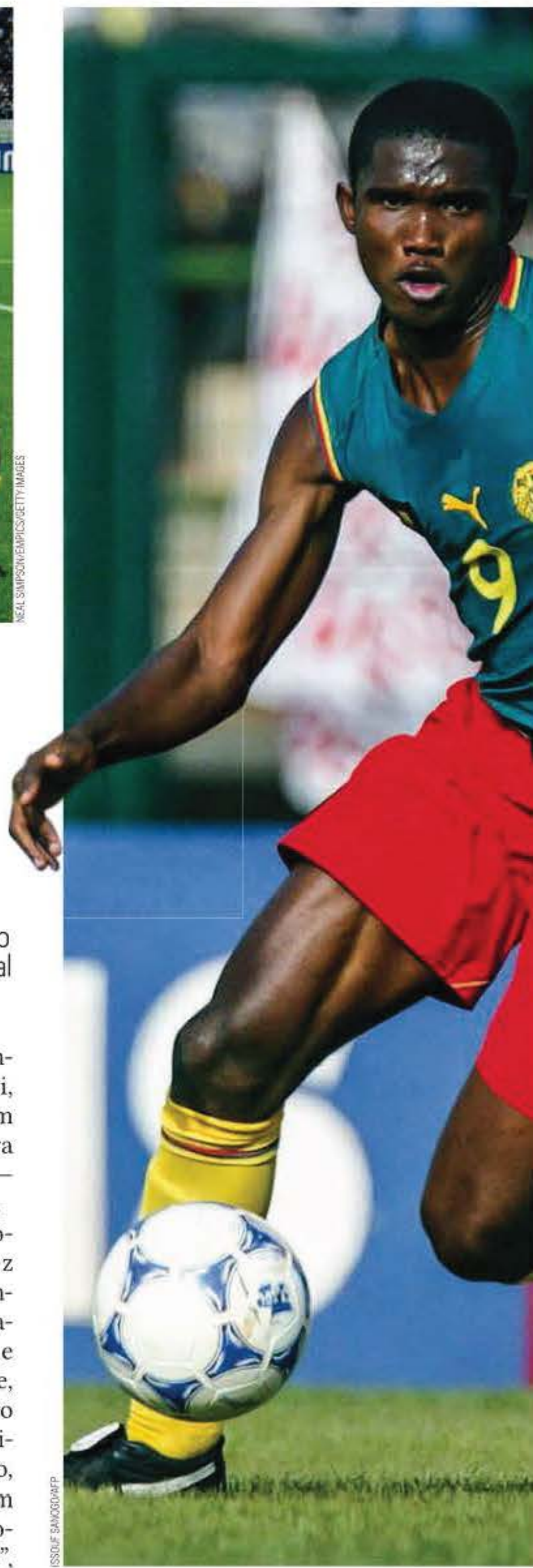
# INDOMÁVEIS ATÉ NO FIGURINO

Há vinte anos, a seleção de Camarões chocou a moda esportiva ao vencer a Copa Africana de Nações vestindo camisa regata. No Mundial de 2002, à revelia da Fifa, o truque foi uma afrontosa gambiarra

**Luiz Felipe Castro**

Mandante da atual Copa Africana de Nações, encerrada em 6 de fevereiro (depois, portanto, do acabamento desta edição de PLACAR), a seleção de Camarões já fez valer a alcunha de "Leões Indomáveis" também no quesito moda esportiva. No início de 2002, ano de Copa do Mundo, a fornecedora alemã Puma, que nasceu de uma costela da Adidas, propôs uma ruptura ao modelo tradicional, num golpe de marketing que tiraria os engravatados cartolas da Fifa do sério. O time liderado pelo artilheiro Samuel Eto'o venceu o torneio continental no Mali, no início daquele ano, vestindo um inédito modelo sem mangas, para enfrentar o forte calor africano — e, é claro, faturar com a novidade.

Foi um sucesso esportivo e comercial, de público, mas talvez não de crítica. Meses depois, contudo, a Fifa proibiu o uso de regatas na Copa do Mundo da Coreia e do Japão. O porta-voz da entidade, Keith Cooper, disse que o modelo foi banido, pois "não eram camisas, mas coletes". Justificou o veto, afirmando que seria preciso um espaço com tecido no braço dos jogadores para incluir os "patches",

SHAUN BOTTERILL/GETTY IMAGES

Uma coisa só, camisa e calção: a peça única usada na Copa Africana de 2004

como são chamados os brasões oficiais do torneio.

Camarões teve de cumprir as normas, não sem lançar mão de uma pequena travessura. Em vez de produzir uma camisa tradicional, com mangas, como ordenavam os mandachuvas, a Puma apenas costurou uma manga (em preto, não em verde) na camisa regata, que permaneceu em destaque, esmeraldina. O time caiu na primeira fase, mas deixou sua marca do ponto de vista estético — e queria mais.

Em 2004, na Copa Africana, o time entrou sem calção! Como assim? Os atletas usaram uma espécie de macacão, uma peça única com a camisa verde costurada ao short vermelho, resultando em uma única peça de roupa. A distância, parecia tudo normal, nem mesmo pela televisão era fácil perceber o truque. Um olhar mais cuidadoso, porém, entregava a farra. O então presidente da Fifa, Joseph Blatter, ficou furioso, como se os problemas da entidade se resumissem ao guarda-roupa. “Isso vai contra as leis do jogo. As regras são claras, há uma camisa, um calção e dois meiões”, esbravejou. Pela ousadia, a confederação camaronense foi multada em mais de 154 000 dólares e perdeu 6 pontos nas Eliminatórias para a Copa de 2006, para a qual não se classificaria. Camarões perdeu uma batalha, mas com estilo. ■

Eto'o, a estrela da equipe: o charmoso modelo sem mangas na Copa Africana de 2002

# A VOZ DO MILÊNIO E O ANJO DAS PERNAS TORTAS

Uma das maiores cantoras brasileiras de todos os tempos foi casada com um dos grandes craques da história. Elza Soares nos deixou em 20 de janeiro, por coincidência o mesmo dia em que o genial camisa 7 morreu, em 1983

Gabriel Pillar Grossi

O olhar enternecido dela para ele e dele para a bola: o casamento terminaria com agressões inaceitáveis do ponta

ARCHIVIO FARABOLA

Ela é uma das maiores cantoras da história do Brasil. Ele, um gênio incontestável, eleito para a seleção canarinho de todos os tempos em votação de PLACAR no ano passado. Casaram-se em 1966 e viveram juntos até 1982. A separação ocorreu depois de inaceitáveis agressões do craque contra a mulher. Um ano depois, Garrincha, derrotado pelo alcoolismo, morreu. Elza Soares, que mais tarde ganharia o título de "Voz do Milênio", chegou a pensar em abandonar a carreira. Reinventou-se e seguiu cantando (tem mais de 850 gravações registradas no Ecad). Em 20 de janeiro, por coincidência o mesmo dia em que o ponta do Botafogo virou estrela, há 39 anos, ela entrou para a eternidade. A seguir, uma reportagem publicada em março de 1970, quando o casal se exilou na Itália, durante a ditadura. Elza se apresentava com sucesso e Garrincha sonhava em retomar a carreira, o que nunca ocorreu. Juntos, deram entrevista ao repórter Fulvio Bufacchi.

# ILUSÕES PERDIDAS EM ROMA

*"Vocês já imaginaram o Neném na seleção? Eu tiraria o Dirceu Lopes, colocaria o Jairzinho no meio e o Neném na ponta direita. Aí o Brasil ganharia a Copa do Mundo", foi o que disse Elza a PLACAR, pouco antes do torneio no México. O tricampeonato viria, mas sem ele...*

ELE QUER SER GARRINCHA

A reportagem publicada na revista em 1970: sonho de retomar a carreira

Garrincha pode ser o ponta-direita da Juventus ou da Lazio, do Milan, do Cagliari, da Fiorentina, da Internazionale, da Roma, de qualquer clube italiano que o aceite com as seguintes credenciais: bicampeão do mundo, o ex-melhor ponta-direita do universo, o rei do futebol (segundo Elza Soares) ou apenas um homem gordo de 33 anos, simpático, triste na maior parte do tempo e, principalmente, iludido.

A ilusão de Garrincha agora está em Roma, hospedada num hotel da Via Veneto, acompanhando os shows de Elza Soares no Teatro Sistina, imaginando uma camisa 7 e dribles sensacionais nos zagueiros italianos, além de gols e aplausos da torcida.

Mas tudo fica destruído quando Garrincha entra em campo, como na semana passada, no estádio da Lazio: ele tropeça no seu peso, na falta de velocidade, na falta de raciocínio, e seus dribles sensacionais não passam de inúteis tentativas.

Quem destrói os sonhos de Garrincha não são mais os grandes zagueiros do mundo: são jogadores esforçados, modestos e quase sem técnica. Para eles, ainda estava viva a imagem do grande Garrincha. Morreu quando lhe pediram para bater um pênalti e o chute saiu desajeitado, torto, forte, alto, bem longe do gol.

Os jogadores da Lazio ficaram decepcionados. Menos Garrincha, um homem muito orgulhoso:

— Eu não vou desistir. Tenho mais três anos de futebol, estou com passe livre e vou jogar assim que receber a primeira proposta.

Menos Elza Soares, uma mulher muito orgulhosa:

— Eu e o Neném viemos aqui para trabalhar: eu no teatro e ele no campo. O Neném está com 7 quilos a mais, mas vai conseguir entrar no peso normal.

Elza vai a todos os treinos de Garrincha. Eles sabem que a lei italiana proíbe a contratação de estrangeiros. Têm esperanças de que a lei seja revogada depois da Copa do Mundo. Principalmente Elza. Ela tem plena certeza de que um dia tudo será como antes, de que Garrincha será Garrincha e todos ficarão felizes e alegres vendo-o derrubar os adversários com um simples drible.

— O Neném vai arrumar um time e depois nós vamos alugar um apartamento bem bacana.

— É verdade. Queremos ficar pelo menos dois anos na Itália. Sempre foi o maior desejo de minha vida vir jogar aqui. Roma é uma cidade maravilhosa.

Garrincha vai ser a nova sensação da Itália. Quem sabe a Roma possa contratá-lo. O técnico é Helenio Herrera, a quem Garrincha muito admira. Seria genial jogar na Roma, não é?

— Seria maravilhoso. Eu não posso parar. Vou continuar treinando, preciso jogar. Vim para a Itália só com alguns contatos e por enquanto não mudou nada. Mas eu ainda vou jogar na Roma.

No primeiro treino de Garrincha (no campo da Lazio), o estádio estava quase deserto. Não havia mais que vinte pessoas, um ou dois fotógrafos e um frio terrível. Há alguns anos, os treinos de Garrincha lotavam o estádio do Botafogo; há quatro anos, em 1966, o Pacaembu ficou lotado para ver Garrincha estrear pelo Corinthians contra o Vasco da Gama. E, no ano passado, sua estreia no Flamengo encheu o Maracanã. Foi a última vez.

— Vocês já imaginaram o Neném na seleção? Eu tiraria o Dirceu Lopes, colocaria o Jairzinho no meio e o Neném na ponta direita. Aí o Brasil ganharia a Copa do Mundo.

Não vai ser fácil. A Itália, a Checoslováquia, a Alemanha e a Inglaterra também podem ganhar. Vi o jogo Itália x Alemanha e fiquei espantado com a velocidade e o futebol dos italianos. Eu poderia ir ao México, fui convidado para ver todos os jogos. Mas não vou, prefiro ficar aqui e ver a Copa pela televisão.

— Garrincha, quem é o melhor jogador do mundo?

— É Riva, da Itália. Pelé já não pode ser considerado um atacante puro. Riva, sim. ■

O atacante com o suíno, em imagem que foi publicada na capa de PLACAR: ícone alviverde

# A VIRADA DO PORCO

Por muitos anos, os adversários usaram o bicho para xingar os palmeirenses. Até que, nos anos 1980, o time e a diretoria resolveram adotar a nova mascote e quatro décadas depois a torcida se orgulha do apelido

Hoje, Palmeiras e porco são sinônimos. Nenhum torcedor tem problema com a associação entre time e animal. Ao contrário, a simbiose é motivo de orgulho. Mas nem sempre foi assim. Conta a história que, na II Guerra, o Brasil perseguiu italianos e seus descendentes — por mais que tenha tido um papel secundário no conflito, o país ficou do lado vencedor, junto com os Aliados, contra o Eixo, de Hitler e Mussolini.

Naquela época — e isso todo mundo sabe —, os times que se chamavam Palestra Itália foram obrigados a mudar de nome. O clube paulistano virou Palmeiras e o belo-horizontino, Cruzeiro. O que não é tão conhecido é que, já naquele tempo, os *oriundi* eram hostilizados nas ruas, xingados de "porcos fascistas".

Muitos anos depois, em maio de 1969, o apelido pejorativo renasceu. Alguns dias antes, dois jogadores do arquirrival Corinthians (Lidu e Eduardo) morreram num trágico acidente de carro e o clube pediu para inscrever dois novos atletas. Pelo regulamento do Campeonato Paulista, todos os outros treze times precisariam concordar com a solicitação. São Bento, Botafogo, Ferroviária e Guarani disseram "sim", mas o Palmeiras, quinto a se manifestar, alegou que a decisão caberia à Confederação Brasileira de Desportos (mais tarde rebatizada de CBF) e ao Conselho Arbitral da Fifa. O "não" bastou para o presidente corintiano Wadih Helu dizer que o adversário tinha agido com "espírito de porco".

Quase vinte anos se passaram com a torcida alviverde convivendo com as provocações (na época, o símbolo do time era o periquito). Em alguns confrontos, os adversários soltavam leitões no gramado pouco antes do jogo — diante do silêncio e constrangimento dos palmeirenses. Até que, em 1983, o então diretor de marketing do Palmeiras, José Roberto Gobbato, lançou a ideia de adotar o suíno como mascote, mas os conselheiros rejeitaram a proposta de imediato.

LUIS GOMES

> **"Foi duro segurar aquele leitãozinho no estúdio. O tempo todo ele gritava, não queria ficar no colo", diz Jorginho Putinatti, estrela do Verdão entre 1979 e 1986**

Três anos depois, o marqueteiro convenceu as torcidas organizadas a cantar "Dá-lhe, porco!" nas arquibancadas. No dia 29 de outubro de 1986, contra o Santos, o grito ecoou forte no Pacaembu. Mas a grande sacada veio logo em seguida. Na edição de 10 de novembro, PLACAR estampou na capa: "O Palmeiras quebra um tabu: 'Dá-lhe, porco!'". Na foto, o ponta-direita Jorginho, que brilhou no clube entre 1979 e 1986, aparecia sorridente segurando um jovem leitão (que não parecia exatamente feliz com a situação, um tanto desajeitado diante da câmera do fotógrafo Luís Gomes).

Isso não significa, porém, que a relação da torcida e dos adversários com o bicho tenha se resolvido na hora. Ao contrário. Sete anos depois, na final do Paulistão, o corintiano Viola marcou contra o Verdão e... imitou um porco na comemoração. Ninguém reclamou, é claro, mas o técnico Vanderlei Luxemburgo aproveitou o ocorrido para motivar os jogadores — que massacraram o Timão por 4 a 0 no segundo jogo da decisão.

Só em 2016 a diretoria palmeirense adotou o porco oficialmente como representante. Mais do que isso, o batizou como Gobbato, em homenagem ao antigo dirigente. Deu a ele pequenos chifres, como os de um javali. Junto com o velho periquito, a mascote está sempre no gramado do Allianz Parque. E a torcida grita: "Dá-lhe, porco!". ■

# ANOTE NA SUA AGENDA DE CORAÇÃO

Uma boa história para cada dia do ano da aventura vitoriosa dos quatro grandes clubes do Rio

Todo santo dia é bom para lembrar dos feitos do time do coração. A editora carioca VinteDois, atrelada a essa verdade incontornável, lançou uma divertida, rica e muitíssimo bem informada coleção de livros a que chamou de *Hoje É Dia de...* Trata-se de uma série de livros-calendários dedicada a Botafogo, Fluminense, Flamengo e Vasco — para cada dia do ano há um grande feito, uma vitória espetacular, uma história curiosa. Em cada volume, um por clube, o torcedor apaixonado só lê o que quer, em textos parciais. Os autores são apaixonados e ponto, não escondem o que os move. É conversa entre amigos. PLACAR faz nas próximas páginas uma brincadeira: a seleção de trechos dos livros está publicada em ordem cronológica, dia a dia ao longo de um ano, misturando os tomos. O resultado: o torcedor rubro-negro terá de atravessar notícias sobre o Vasco; o vascaíno terá antes de passar por temas tricolores; botafoguenses deram sorte porque a primeira notícia bacana é de janeiro, mas depois perdem a primazia. Selecionamos quatro histórias de cada cor — e que a paixão seja eterna enquanto dure.

*Coleção* Hoje É Dia de... (Botafogo, Fluminense, Flamengo e Vasco). *Editora VinteDois www.vintedois.net Instagram: @editoravintedois*

1957 **JANEIRO**
**21**
O MANNEKEN PIS ALVINEGRO

1982 **MARÇO**
**6**
UM DISCO VOADOR EM CAMPO GRANDE

1943 **MARÇO**
**14**
A ESTRELA SOLITÁRIA DE HELENO

1975 **ABRIL**
**27**
AH, FINALMENTE ELE GANHOU

1912 **MAIO**
**3**
PAPAGAIO VINTÉM

1980 **MAIO**
**4**
A DINAMITE EXPLODIU CINCO VEZES

1957 **JUNHO**
**19**
O DIA EM QUE AS PORTAS DO MUNDO SE ABRIRAM PARA PELÉ

1922 **JUNHO**
**26**
O JUIZ LADRÃO

1975 **JUNHO**
**10**
O GOL CONTRA DE GERD MÜLLER

1951 **JUNHO**
**13**
"NOITE ESPLÊNDIDA DE PRIMAVERA"

1953 **JUNHO**
**17**
O PRIMEIRO TREINO DE MANÉ

1950 **JUNHO**
**17**
O PRIMEIRÃO DO MARACA FOI TRICOLOR

1947 **SETEMBRO**
**6**
A MAIOR DAS GOLEADAS

1944 **SETEMBRO**
**10**
O "JOGO DO SENTA"

1981 **SETEMBRO**
**15**
DEU GALINHO, CLARO

1945 **OUTUBRO**
**21**
AO SOM DA CHARANGA

# 21 DE JANEIRO DE 1957

## O MANNEKEN PIS ALVINEGRO

O Botafogo é um clube único. Ter uma estátua como mascote é uma dessas características que só o Glorioso tem. Mas você sabe por que o pequeno menino mijão virou um dos símbolos do clube? Tudo começou naquela jornada da janeiro de 1957, depois de o Botafogo golear o Fluminense por 6 a 2 e levar a taça do Campeonato Carioca. No dia seguinte, a estátua amanheceu vestida com a camisa do alvinegro. Naquela época, ela ficava perto da antiga sede do Mourisco, na Praia de Botafogo. Já era seu segundo endereço. Quando foi inaugurada, ficava na Cinelândia. Hoje, em frente à sede de General Severiano, a cada conquista, o garotinho ganha uma camisa nova, faixa e tudo a que tem direito. Apesar de ter sido inspirado no Manneken Pis, em Bruxelas, na Bélgica, não se trata de uma réplica. O Manequinho belga tem 61 centímetros, muito menor, portanto, do que o nosso, que tem 1 metro de altura. Além disso, o de lá usa a mão esquerda para orientar o jato, enquanto o daqui está com as duas mãos livres.

VITOR SILVA/BOTAFOGO

1 metro de altura e as duas mãos livres: diferente do belga

# 6 DE MARÇO DE 1982

## UM DISCO VOADOR EM CAMPO GRANDE

Foi a prova definitiva de que o Vasco tem torcida no mundo inteiro e até em outros planetas. Naquela noite, o adversário era o Operário, de Mato Grosso do Sul. Até hoje o jogo é lembrado pela aparição de objetos voadores não identificados acima do Estádio do Morenão. Houve intensa cobertura da imprensa, com direito a manchetes nos jornais e reportagens na TV, em um evento fundamental para a ufologia no Brasil. Contudo, a derrota dos cruz-maltinos por 2 a 0 decepcionou os visitantes ilustres, que nunca mais foram vistos depois daquela noite. A jornada virou documentário em 2014 — *O Que Era Aquilo* — e levou muitos dos jogadores a frequentar reuniões e palestras sobre óvnis.

Eram os deuses astronautas? Ou quem sabe cruz-maltinos?

Um OVNI, espetáculo na Capital

Galo aumenta chances; a luta ainda é difícil

REPRODUÇÃO

ACERVO PLACAR

Gilda, como foi apelidado o gênio irreverente: pioneiro

# 14 DE MARÇO DE 1943

## A ESTRELA SOLITÁRIA DE HELENO

A fusão entre o Botafogo Football Club e o Club de Regatas Botafogo aconteceu em 8 de dezembro de 1942 — mas a primeira partida com a Estrela Solitária no escudo só foi jogada mais de três meses depois. Não há uma explicação oficial para as novas camisas não terem sido usadas já na excursão a Minas Gerais, entre o fim de janeiro e o início de fevereiro. Talvez não tenham ficado prontas a tempo. A estreia, portanto, aconteceu no primeiro tempo do Torneio Relâmpago que, como insinua o nome, era rápido e jogado apenas pelos cinco grandes (sim, o América era considerado grande naquele tempo). O jogo histórico foi disputado no estádio da Gávea. E coube a Heleno de Freitas fazer o primeiro gol ostentando a Estrela Solitária no peito. O destino não poderia ter escolhido melhor jogador para um momento tão relevante.

# 27 DE ABRIL DE 1975

## AH, FINALMENTE ELE GANHOU

No ano anterior, o Fluminense havia perdido a Taça Guanabara para o América, em gol de falta cobrada por Orlando Lelé. Calhou de a final de 1975 ser com o mesmo jogo. Ambos os times chegaram empatados ao final e foi necessária uma partida extra para definir o campeão. O América tinha excelente time, com Bráulio, Alex, Ivo Worcman, Tadeu Ricci, Flecha e Orlando Lelé. Entretanto, o Fluminense tinha Rivellino com fome de título, liderando Félix, Toninho, Silveira, Edinho, Marco Antônio, Zé Mário, Kleber; Gil, Manfrini e Zé Roberto. Quase 100 000 torcedores assistiram a um jogo duríssimo, cujo 0 a 0 levou a decisão para a prorrogação. Os pênaltis já eram quase realidade quando Bráulio botou a mão na bola em um lance bobo, disputado com Marco Antônio, e Rivellino ajeitou a bola para a cobrança, quase que da intermediária. O 10 tricolor soltou a patada atômica. A bola resvalou na barreira, mas tinha tanta força que pegou altura e o enorme e excelente goleiro País não conseguiu alcançá-la. Ao levantar a quarta Taça Guanabara do Fluminense, Rivellino ainda tinha força para chorar. A Máquina Tricolor já era uma realidade.

O Riva tricolor: título estadual inédito

RODOLPHO MACHADO

# 3 DE MAIO DE 1912

REPRODUÇÃO

## PAPAGAIO VINTÉM

O primeiro jogo da história do futebol do Flamengo terminou em uma sonora goleada sobre o Mangueira (15 a 2), no antigo Estádio do América, na Rua Campos Salles. Nada mau para um grupo de jogadores vindo de uma dissidência do então hegemônico Fluminense, para a criação do Departamento de Desportos Terrestres do Flamengo. Os atletas do futebol não foram autorizados a utilizar uniformes similares ao do remo. Optaram então por grandes quadrados em vermelho e preto, e logo foram apelidados de Papagaios Vintém, em alusão às pipas que eram compradas na época com 1 vintém. O primeiro gol foi marcado por Gustavo de Carvalho. Os guerreiros pioneiros foram Baena, Píndaro, Nery, Curiol, Gilberto, Galo, Baiano, Arnaldo, Amarante, Gustavo e Borgerth.

# 4 DE MAIO DE 1980

## A DINAMITE EXPLODIU CINCO VEZES

Quando aquele dia nasceu, trouxe com ele toda a expectativa que cercava o retorno de Roberto Dinamite ao Vasco no Maracanã — ainda mais que o arquirrival rubro-negro havia chegado muito perto da expatriação do craque do Barcelona. Na Catalunha ele ficou apenas três meses, com oito jogos e três gols. A volta seria triunfal, presenciada por mais de 100 000 pessoas. Muitas delas eram flamenguistas, já que o time da Gávea disputou a partida preliminar contra o Bangu, em uma rodada dupla que tornaria a tarde ainda mais especial. O Vasco enfrentaria o Corinthians, pelo Campeonato Brasileiro. Quando a bola rolou, os flamenguistas, que semanas antes sonhavam contar com o atacante, tiveram seu sonho dinamitado. Roberto marcou os cinco gols da goleada de 5 a 2, quatro deles no primeiro tempo.

Depois da temporada ruim no Barcelona: goleada implacável no Maracanã

REPRODUÇÃO

SERGIO SADE

O atacante alemão: uma única vez ele pôs a bola na própria rede

# 10 DE JUNHO DE 1975

## O GOL CONTRA DE GERD MÜLLER

Em mais uma ousadia do presidente Francisco Horta, Paulo Cezar Lima, o Caju — hoje colunista de PLACAR —, chegava para ser mais uma engrenagem da Máquina. Sua estreia aconteceu em noite de gala. Foram mais de 60 000 ingressos vendidos, mas o tumulto nas bilheterias obrigou a abertura dos portões. Pelo menos 100 000 tricolores estavam ávidos para assistir ao Fluminense diante do então bicampeão europeu, o alemão Bayern de Munique. O Bayern tinha o goleiro Maier, o kaiser Beckenbauer, o zagueiro Schwarzenbeck, o artilheiro Gerd Müller, o atacante Kappelmann, todos campões do mundo pela Alemanha no ano anterior, e ainda um jovem muito promissor: Karl-Heinz Rummenigge. Logo no início Rivellino deu um elástico e enfiou na área para Kleber concluir; Gerd Müller quis afastar e venceu Maier, 1 a 0, gol contra do camisa 9. O Fluminense teve em Cafuringa o grande nome do jogo, infernizando os defensores bávaros e só não fazendo mais gols devido a sua tradicional pontaria ruim e às defesas do excepcional arqueiro alemão.

# 13 DE JUNHO DE 1951

ACERVO/MUSEU JOSÉ LINS DO REGO/FUNESC

Lins do Rego: fanático

## "NOITE ESPLÊNDIDA DE PRIMAVERA"

Naquele ano, o Flamengo fez uma de suas mais vitoriosas excursões pelo continente europeu. A delegação foi chefiada pelo grande escritor rubro-negro José Lins do Rego. Em cerca de trinta dias, foram dez vitórias em dez jogos numa viagem que passou pela Suécia, Dinamarca, França e Portugal. Foram 32 gols, com destaque para Hermes (oito gols), Esquerdinha (sete) e Índio (seis). A zaga levou apenas quatro gols. O ponto alto da travessia foi a goleada por 5 a 1 contra o Racing Paris em pleno Estádio Parc des Princes. Hermes Nunes da Conceição, gaúcho de Taquari, foi mais uma vez o destaque do jogo, com dois gols marcados. Adãozinho também fez duas vezes e Esquerdinha completou a goleada. A imprensa francesa deu manchetes para a vitória. De volta ao Brasil, Lins do Rego relembrou em uma de suas crônicas: "E a nossa bandeira tremulava no mastro do estádio, naquela noite esplêndida de primavera".

# 17 DE JUNHO DE 1953

## O PRIMEIRO TREINO DE MANÉ

O escritor Ruy Castro, autor da biografia de Garrincha, diz que, se juntassem todos que afirmam ter assistido ao primeiro treino de Mané no Botafogo, em 1953, daria para lotar o Maracanã. Mas esse lendário fato se passou mesmo no charmoso, porém pequeno, estádio de General Severiano. O primeiro a ver Garrincha jogar em Pau Grande foi o lateral Araty. Encantado, o convidou a aparecer no Botafogo. Garrincha, escaldado com frustrações passadas, não foi. Mas o lateral contou a história a Eurico Salgado, um botafoguense influente que, depois de assistir a algumas partidas do ponta, o convenceu a fazer um teste. Ele chegou para treinar com os juvenis. Poderia até ter sido barrado ao verem suas pernas tortas, mas, como tinha sido indicado, entrou em campo. Foi só receber a bola que começou a fazer das suas.

Não havia dúvida: era craque. Mas, como já tinha 19 anos, teria de ir direto para o time de cima, que só treinaria no dia seguinte. O técnico dos juvenis, Newton Cardoso, era filho de Gentil Cardoso e insistiu com o pai para apostar na novidade. Ainda descrente, Cardoso mandou que dessem a ele a camisa 7 dos reservas. Que a marcação de Nilton Santos o testasse. Há muitas versões sobre o que aconteceria depois. Nilton não levou o baile que alguns afirmam, mas também é certo que tomou muitos dribles e até uma caneta. Em suas memórias, o "Enciclopédia" confirma que chegou para a comissão técnica e disse: "Contratem o homem, não quero passar esse vexame no Maracanã cheio". Se foi bem assim, ninguém sabe, mas as lendas da bola existem justamente para manter viva a magia do futebol.

REPRODUÇÃO

Garrincha e Nilton: inseparáveis desde o primeiro dia

# 17 DE JUNHO DE 1950

## O PRIMEIRÃO DO MARACA FOI TRICOLOR

O estádio municipal do Rio de Janeiro, construído para a Copa do Mundo de 1950, seria enfim inaugurado — mas ainda inacabado. Milhares de torcedores, entre os 100 000 presentes, estavam pendurados nos muitos andaimes entre os lances da arquibancada e a gigantesca marquise que rodeava todo o anel do campo; as rampas de acesso também estavam parcialmente bloqueadas com os muros em construção, além do imenso canteiro de obras em toda a volta externa do estádio.

Com esse cenário um tanto quanto temerário, coube a um jovem de 21 anos, meia-atacante do Fluminense, chamado Didi, balançar as redes pela primeira vez naquele que seria o maior e mais belo estádio de futebol do mundo, em amistoso no qual a Seleção de Novos de São Paulo venceu a de Novos do Rio de Janeiro por 3 a 1. O goleiro Osvaldo, do Santos, levou o primeiro gol. Didi seria convocado para três Copas do Mundo em sequência, a primeira delas em 1954, quando atuava pelo Fluminense, para depois ser bicampeão do mundo em 1958 e 1962, já como jogador do Botafogo.

REPRODUÇÃO

Didi: depois ele iria a três Copas do Mundo

# 26 DE JUNHO DE 1922

## O JUIZ LADRÃO

DIVULGAÇÃO

Os mais nostálgicos comumente afirmam que certos fatos do presente podem ser explicados pelo que aconteceu no passado. Os historiadores, felizmente, os confirmam. Em 1922, o juiz Adaucto de Assis entregava uma súmula na Liga Metropolitana de Esportes Terrestres do Rio de Janeiro referente ao jogo em que havia atuado entre Fluminense e Flamengo em General Severiano no dia anterior. O jogo seguia empatado em 1 a 1 quando Welfare, que já havia marcado o gol tricolor, fez o segundo no final, que seria o da vitória. Alegando offside (impedimento), o tento foi incorretamente anulado. Eis o texto da súmula em que Adaucto explica, de modo tácito, o ocorrido: "Ontem, atuando no match Fluminense x Flamengo, considerei Welfare em offside quando faltavam dois minutos para terminar o jogo e apitei, imediatamente, como sempre faço, a fim de evitar dúvidas. Enganei-me, confesso, no registrar daquela falta, mas de forma alguma poderia, depois de haver apitado (da forma que todos ouviram), voltar atrás em minha decisão, pois demonstraria fraqueza, falta de energia, imperdoáveis a qualquer juiz. Foi por isso que ontem fui ladrão". Felizmente o título foi do América, que conquistou seu terceiro troféu carioca em 1922.

# 19 DE JUNHO DE 1957

## O DIA EM QUE AS PORTAS DO MUNDO SE ABRIRAM PARA PELÉ

A estreia de Pelé no Maracanã aconteceu naquele dia e foi em grande estilo. Aos 16 anos, com direito a três gols na vitoriosa goleada do combinado Vasco-Santos por 6 a 1 contra o Belenenses, de Portugal. A partida era parte da Taça Morumbi, competição organizada pelo São Paulo de modo a angariar fundos para a construção do estádio do tricolor paulista. O elenco principal cruz-maltino estava em excursão pela Europa — ocasião em que foi campeão do Torneio de Paris e do Troféu Teresa Herrera —, deixando apenas seis jogadores no Brasil. Daí a iniciativa de montar um grupo com parte da equipe santista. Os primeiros três jogos foram no Estádio Mário Filho, e o time misto atuou com a camisa do Almirante. Além dos gols na estreia, o rei marcou outro no empate em 1 a 1 contra o Dínamo de Moscou e um quinto, também em placar de 1 a 1, contra o Flamengo — sempre com a cruz de malta ao peito. Depois, Pelé diria: "O Vasco foi o time que me abriu as portas para o mundo". Detalhe: em mais de uma entrevista o atleta do século declarou ser vascaíno desde criancinha.

MEMÓRIA VASCAÍNA

O rei santista aos 16 anos: vascaíno desde criancinha

# 6 DE SETEMBRO DE 1947

## A MAIOR DAS GOLEADAS

Naquele ano o Vasco conquistaria o Campeonato Carioca de forma invicta, com 68 gols marcados e vinte sofridos. Ficou eternizada a goleada por 14 a 1 contra o Canto do Rio, o maior da história do futebol carioca nos tempos de profissionalismo. Depois daquele jogo, os cruz-maltinos venceram outras onze partidas consecutivas e conquistaram o título duas rodadas antes do fim da disputa.

REPRODUÇÃO

Deu pena do Canto do Rio: a caminho de onze vitórias seguidas

# 10 DE SETEMBRO DE 1944

## O "JOGO DO SENTA"

Era para ser apenas mais um jogo entre Botafogo e Flamengo. O time da Gávea havia vencido no primeiro turno daquele Carioca de 1944 e estava há seis jogos sem perder. Razões de sobra para os botafoguenses lotarem General Severiano. Heleno abriu o placar aos 20 minutos, mas os rubro-negros empataram aos 30. No finzinho da primeira etapa, Valsecchi colocou o Glorioso de novo à frente do placar. A coisa ficou ainda melhor na segunda etapa. Valter e Heleno ampliaram para 4 a 1. O Flamengo ainda diminuiu, mas, aos 31 minutos, aconteceu o lance que colocaria a partida na história.

Uma bomba de Geninho, aniversariante do dia, bateu no travessão, quicou dentro do gol e saiu. Os botafoguenses saíram comemorando e o gol foi confirmado pelo juiz, Aristides Figueira, o "Mossoró". Os flamenguistas não se conformaram. A diretoria queria que o time deixasse o campo, mas, em vez disso, os jogadores sentaram no gramado, recusando-se a reiniciar a partida. Coube, então, ao árbitro decretar o fim da disputa que, dali para a frente, ficaria conhecida como o "jogo do senta".

Os dois gênios: Zico nunca perdeu do argentino

RODOLPHO MACHADO

# 15 DE SETEMBRO DE 1981

## DEU GALINHO, CLARO

Carpegiani marcou doze gols em 221 jogos, atingindo a impressionante marca de 60% de vitórias contra apenas 14% de derrotas nas partidas em que jogou com o Manto Sagrado. Um monstro na história do Flamengo, que merecia uma festa de despedida à altura. Logo, surgiu a ideia de convidar o Boca Juniors para um amistoso que serviria de celebração.

Flamengo e Boca se enfrentaram no Maracanã para um público de 64 000 pessoas. As atenções estavam voltadas para o duelo Zico, o Galinho, contra Maradona, El Pibe de Oro. Não deu outra: nosso camisa 10 teve uma atuação primorosa e fez os dois gols da vitória por 2 a 0. Zico chegou a jogar mancando por um bom tempo, depois de um choque com o goleiro argentino, no lance em que marcou o primeiro gol. O Galinho nunca perdeu jogando contra Maradona.

# 21 DE OUTUBRO DE 1945

## AO SOM DA CHARANGA

O Flamengo engatara uma sequência arrasadora de gols marcados, com um total de dezenove, em três jogos consecutivos. As vítimas foram Madureira (3 a 2), Bonsucesso (10 a 1) e São Cristóvão (6 a 1). Zizinho marcou seis vezes. Perácio, quatro; Adílson e Pirillo, três; com Tião, Nilton e Vevé completando a festa. Um fato curioso sobre o jogo contra o São Cristóvão é que os adversários reclamaram do barulho "de orquestra" feito pela inigualável Charanga Rubro-Negra de Jaime de Carvalho. A partida foi realizada no estádio das Laranjeiras e o *Jornal dos Sports* chegou a publicar a manchete: "Vitória do Flamengo com fundo musical". A década de 40 foi a do primeiro tricampeonato carioca, uma das mais vitoriosas do Flamengo. Foram 57% das partidas vencidas e absurda média de 2,8 gols por jogo.

REPRODUÇÃO

O som da galera: a orquestra

PAULO CEZAR CAJU

# EU FICARIA MUITO PLUTO!

Ouvi dizer que o Abel Ferreira sugeriu que o Endrick deveria passear na Disney... Ah, o futebol está cheio de Patetas

**"Quando um talento surge em algum clube, ele deve ser cercado de cuidado pelos próprios jogadores mais velhos do grupo, e não por psicólogos"**

Quem é peladeiro sabe que no par ou ímpar os melhores são escolhidos antes. No futebol profissional, não deveria ser diferente, mas é. Os fisiologistas já não deixam mais os jogadores treinarem cobranças de falta para não estressarem os músculos, mas os obrigam a correr feito loucos. Hoje, o centroavante não marca mais gols, marca o adversário. Ninguém treina mais cabeceio e as cobranças de pênalti devem ser antecedidas por alguns saltinhos. Cruzamento para a área só com as mãos. E, de um tempo pra cá, os professores e suas comissões técnicas começaram com esse absurdo de esperar os garotos amadurecerem para jogarem no time de cima. É uma forma de, segundo esses especialistas, não queimá-los. Enquanto isso, deixam um bem pior que ele jogando.

Muitas dessas revelações quando amadurecem perderam o bonde. Eu com 16 já estava entre os titulares do Botafogo, mas muitos não sabem a história completa. Com 15 anos, jogava no futebol colombiano e estive ao lado de craques experientes como Dida, Quarentinha e Escurinho, que me ensinaram muito. Nem vou lembrar os casos de Pelé, Coutinho e vários outros craques do Santos, como Edu, que disputou uma Copa do Mundo com 16 anos ao lado de Garrincha, Pelé e Tostão. Hoje, qualquer perna de pau é vendido para a Europa, meninos velocistas que sonham vencer como cães de guarda. Correm, dão carrinho, correm, dão carrinho.... Aí, quando aparecem garotos bons de bola, como o Endrick e o Gabriel Silva, do Palmeiras, que fazem brilhar os olhos dos torcedores, o treinador diz que eles ainda são muito novos para galgar o time de cima. Deveriam saber usar melhor os ídolos Ademir da Guia, Leivinha e César Maluco para ajudar nessa transição.

Ouvi até que o Abel Ferreira sugeriu que o Endrick fosse passear na Disney. Eu ficaria muito Pluto! Mas de Patetas o futebol está cheio! Quando um talento surge em algum clube, ele deve ser cercado de cuidado pelos próprios jogadores mais velhos do grupo, e não por psicólogos. Se o time o abraça e o orienta, ele deslancha. Os profissionais querem jogar com quem sabe jogar. A carreira de jogador não é fácil, é curta, é cheia de intrigas, existem as contusões e até pode se transformar num mundo encantado da Disney, desde que não haja uma bruxa má no caminho. ■

ACERVO/GAZETA PRESS

Eu mesmo, lá no comecinho, em 1968, com a camisa do Botafogo: em meio às feras